

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

VIVA FAVELA: DO 1.0 AO 2.0

DÉBORA RIBEIRO COELHO

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

VIVA FAVELA: DO 1.0 AO 2.0

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

DÉBORA RIBEIRO COELHO

Orientador: Prof. Paulo César Castro

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Viva Favela: do 1.0 ao 2.0**, elaborada por Débora Ribeiro Coelho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Paulo César Castro

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª. Ilana Strozenberg

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª. Cristiane Costa

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

COELHO, Débora Ribeiro.

Viva Favela: do 1.0 ao 2.0.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Paulo César Castro

COELHO, Débora Ribeiro. **Viva Favela: do 1.0 ao 2.0.** Orientador: Paulo César Castro.
Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como ocorre a produção de sentidos nos portais Viva Favela 1.0 e 2.0, caracterizando seus contratos de leitura e as transformações às quais o projeto do Viva Rio esteve sujeito ao adotar uma plataforma totalmente colaborativa. Para demonstrar como isso ocorre foi utilizada uma análise comparativa entre dois *corpus*, um de cada versão do portal, tendo a Análise de Discurso como base para o estudo. Além disso, foram considerados a construção dos discursos, a polifonia e, de modo especial, as transformações impostas pela Web 2.0 e a interatividade a ela inerente.

Agradeço a Deus pela realização desse trabalho, por ter fortalecido minha fé e esperança em concluí-lo. À minha família e amigos pelas palavras de confiança e incentivo e por me fazerem acreditar que eu era capaz. Ao meu namorado, Thiago Franco, pelo carinho e bom humor indispensáveis. E ao meu orientador, Paulo César Castro, pela paciência e amizade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. WEB, JORNALISMO E PARTICIPAÇÃO	11
2.1 Internet e Web 2.0	11
2.2 Web e jornalismo participativo	15
3. O JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS	20
4. HISTÓRICO DE UM PORTAL PIONEIRO	28
5. ANÁLISE COMPARATIVA	39
5.1 Viva Favela 1.0 x 2.0	39
5.2 Viva Favela e a produção de sentidos	43
6. CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXO 1	54
ANEXO 2	64
ANEXO 2	76

1. INTRODUÇÃO

O surgimento da internet provocou profundas mudanças nas comunicações. Para além de um avanço tecnológico, a rede mundial de computadores trouxe transformações para o Jornalismo e para as relações sociais. Ao longo de seu desenvolvimento até a fase atual da Web 2.0, o espaço virtual ganhou novos contornos, em especial com o crescimento da interatividade e a modificação de modelos comunicacionais estanques que ainda persistiam em muitos veículos.

O cenário que se consolidava exigia que os meios de comunicação repensassem seus modos de fazer notícia e distribuir conteúdos. As novas possibilidades advindas da web precisariam ser cada vez melhor exploradas a fim de atrair os leitores, utilizando-se de recursos de hipertextos, vídeos e imagens. Além disso, os interlocutores começariam a participar do processo noticioso.

Neste ambiente, em que os sites de veículos noticiosos abrem espaços para comentários e até para “notícias” dos usuários, a denominação Jornalismo Participativo tenta ser a expressão de um novo momento. Segundo o slogan do vanguardista OhMyNews¹, qualquer cidadão seria potencialmente um repórter. Os leitores saem, então, da posição de meros receptores de conteúdos, passam a interagir com as informações que recebem e começam a produzir novas mensagens. Esse modelo de participação do cidadão “comum”, que não possui formação jornalística, seria adotado por jornais e revistas que hoje, em sua maioria, têm um espaço destinado à colaboração do público.

Há, ainda, outras iniciativas que se baseiam nos princípios da Web 2.0 e se utilizam dos artifícios da interatividade para criar plataformas totalmente colaborativas. Este é o caso do Viva Favela, estudo de caso deste trabalho. O projeto da ONG Viva Rio consiste em um portal cujo conteúdo é produzido por correspondentes que moram nas favelas e periferias do Brasil. Sua principal característica é o “olhar de dentro”, a possibilidade de falar das favelas sob uma perspectiva diferente daquela adotada pela mídia tradicional.

O Viva Favela procura mostrar o que há de bom nas periferias, afastando-as dos estigmas da violência. Por isso, predominam as temáticas sobre cultura, esporte e meio ambiente. Seria, portanto, interessante compreender melhor como esses conteúdos produzidos por moradores de favelas diferem dos da grande mídia e se eles produzem uma

¹ Site colaborativo sul-coreano, considerado a primeira experiência de jornalismo participativo. Cf. www.ohmynews.com.

melhor representação social desses cidadãos-personagens da que é construída pelo *mainstream* jornalístico.

No entanto, desde o seu surgimento em 2001, o Viva Favela passou por transformações que alteraram sua configuração, seja pela organização da sua equipe ou pelo processo de produção de conteúdos. Embora a linha editorial tenha se mantido, o novo modelo, a versão 2.0, que vigora desde 2010, difere da anterior em aspectos relevantes do ponto de vista jornalístico. Assim, entendeu-se que, neste momento, seria mais importante estudar os portais em detalhes e, em outra oportunidade, estender a pesquisa para uma perspectiva mais abrangente.

Supõe-se que a adoção de uma plataforma 2.0 voltada para uma participação mais efetiva e voluntária alterou o modo de fazer notícia e os conteúdos propriamente ditos. A nova versão seria, portanto, marcada por uma perda na qualidade dos textos e na organização do site na medida em que ele se apresenta de forma mais aberta e livre.

A proposta deste trabalho é analisar, comparativamente, como as duas versões se estruturam, como se dá o processo de produção dos conteúdos que são veiculados. Para isso, utiliza-se como metodologia a Análise de Discurso, baseada nos estudos sobre produção de sentidos do semiólogo Eliseo Verón, principalmente a partir de seu conceito de contrato de leitura. O objetivo é identificar como os dois portais se apresentam, o que os caracteriza e como as reportagens criam um vínculo com o leitor.

A partir da seleção de uma amostra de matérias das versões 1.0 e 2.0 do Viva Favela, serão observadas as regularidades de cada plataforma, de modo a traçar seus perfis. Num segundo momento os dois *corpus* serão comparados com a finalidade de ressaltar em que medida eles se afastam ou se aproximam, como as mudanças adotadas pela plataforma impactaram na produção textual e nos sentidos veiculados por meio das reportagens. Será possível, então, compreender como são construídos os contratos de leitura nos dois momentos.

No primeiro capítulo deste trabalho serão abordadas as características e efeitos da internet e da Web 2.0 no campo do Jornalismo. Quais as características desse período em que se vive o crescimento da conectividade e da interatividade e de que forma suas potencialidades esbarram nas relações sociais e nas comunicações. Serão apresentados conceitos e elementos históricos que explicam e elucidam o cenário atual, facilitando o entendimento da importância e dos impactos que a efervescência da Web provocam na interação estabelecida entre produção e recepção.

Em seguida, do ponto de vista metodológico, pretende-se apresentar questões fundamentais relacionadas à Semiologia e à Teoria da Enunciação e, consequentemente, como desenvolvem conceitos como polifonia e contrato de leitura. Tendo como base a linha metodológica de Verón, será possível entender os mecanismos que regem as relações do enunciador com o enunciado e, principalmente, com o interlocutor. Além disso, serão apresentadas as etapas de análise do contrato de leitura de um veículo, necessárias à compreensão de seu dispositivo de comunicação e de sua interação com a audiência.

No terceiro capítulo, o Viva Favela será descrito detalhadamente, desde a ideia da sua criação, até a implementação e consolidação do veículo, que teria um potencial social e informativo significativo ao pautar, inclusive, a grande mídia. Serão destacadas a rotina da equipe, os desafios enfrentados e os caminhos percorridos. Todo o histórico do projeto será desmembrado nesse capítulo, até chegar à transição para um modelo totalmente colaborativo. Serão, também, apresentadas as suas novas características e recursos, bem como sua estrutura de produção de notícias.

No último capítulo, concentra-se a análise comparativa dos dois portais. Sob a perspectiva da metodologia apresentada no capítulo 2, será feito um mapeamento geral de cada versão do Viva Favela. Através desses dados, será possível caracterizá-los e identificar, a princípio, o que os aproxima e os afasta. Tendo como pano de fundo a reestruturação pela qual o portal passou, procurou-se entender como a nova configuração impactou na significação gerada para os leitores.

Ainda neste capítulo, será feita uma análise mais específica, tomando como objeto algumas matérias de cada site para identificar os componentes gramaticais escolhidos pelo enunciador, como o texto é estruturado, o estilo utilizado. A finalidade é entender como acontece a produção de sentidos em cada um deles. Vale ressaltar, no entanto, que embora este trabalho tenha utilizado a Análise do Discurso, limita-se ao estudo da significação produzida pelos discursos do campo da produção e não chega a considerar seus efeitos na audiência, a recepção dos discursos (o que representaria uma outra etapa do trabalho de análise, para a qual não há tempo hábil neste momento). Por isso não foram realizadas entrevistas com o público leitor dos portais.

Depois de apresentadas as análises, espera-se entender de que maneira a transposição para uma plataforma 2.0 afeta positiva ou negativamente a produção de sentido dos discursos. E que características levam a concluir como isso acontece, que mecanismos de cada dispositivo justificam as diferenças e semelhanças identificadas.

2. WEB, JORNALISMO E PARTICIPAÇÃO

Desde o surgimento da imprensa, há quase seis séculos, a comunicação vem sofrendo constantes transformações de natureza tecnológica que influenciam as relações sociais e os profissionais que nela atuam. O rádio e a televisão vieram, então, como expoentes de novos modos de fazer notícia e houve quem acreditasse que os meios mais novos excluíssem os anteriores. Com o tempo, assistiu-se, na verdade, à coexistência e complementaridade deles.

Com o desenvolvimento da tecnologia digital, veio a público um novo veículo com características ainda mais revolucionárias, a internet. Inicialmente de forma tímida e restrita a alguns poucos e seletos grupos de curiosos e pesquisadores, a rede mundial de computadores foi aos poucos se popularizando até o momento atual, quando as gerações mais novas não conseguem imaginar como foi possível viver sem a World Wide Web.

2.1 Internet e Web 2.0

A virada do ano 2000 para 2001 foi marcada pela expansão dos computadores e o acesso cada vez maior à web. Nesse contexto, os principais jornais e revistas de alguma forma já davam seus primeiros passos no mundo virtual. Mas com a convergência midiática, típica do que passou a ser chamado de Web 2.0, tornou-se cada vez mais importante deixar de lado o simples recorta-e-cola do impresso para a rede. As possibilidades advindas do hipertexto, das fotografias e vídeos passaram a exigir agilidade e o desenvolvimento de uma linguagem própria para se comunicar através da internet.

O termo Web 2.0 foi utilizado pela primeira vez em 2004 pelo empresário Tim O'Reilly para designar uma segunda geração de serviços que têm a web como principal plataforma. Segundo ele, considerado um entusiasta de movimentos a favor do software livre, a expressão Web 2.0 foi resultado de um *brainstorm* entre a Tim O'Reilly Media e a MediaLive International, quando seus participantes notaram diversas mudanças sofridas pela internet nos últimos anos com o estouro da bolha das empresas pontocom². Desde essa crise, muitas foram as novidades oferecidas na web, surpreendendo seus usuários.

² Também conhecida como bolha da internet, a bolha das empresas pontocom ocorreu no final da década de 1990, quando houve uma alta significativa das ações das novas empresas de tecnologia da informação e comunicação, baseadas na internet. No início de 2001 muitas dessas empresas já estavam em processo de

O conceito de Web 2.0 surgiu quando as pessoas presentes na conferência notaram que havia mudanças de determinadas características para outras. Por exemplo, os sites pessoais, a Britannica Online³ e o *publishing*⁴ deram lugar aos blogs, à Wikipedia⁵ e à ao crescimento exponencial da participação do público. Haveria, então, uma Web 1.0 que, aos poucos, migraria para a Web 2.0.

O'Reilly considera alguns princípios fundamentais para o estabelecimento da Web 2.0. Entretanto, o primeiro e mais importante é “a web como uma plataforma”. As empresas que compreenderam a rede com maior profundidade e souberam como se adaptar às novas exigências dessa segunda geração, ofereceram soluções inovadoras. Elas tiveram a compreensão da internet como uma plataforma que precisa disponibilizar produtos e serviços a um público cada vez mais atuante.

O principal aspecto que fez com que alguns gigantes da Web 1.0 sobrevivessem à Web 2.0 foi sua capacidade de abraçar o poder da web em aproveitar a inteligência coletiva. Companhias inovadoras que tiveram esse mesmo *insight* estão fazendo história no mundo virtual, como a Wikipedia e sites como o del.icio.us⁶ (O'REILLY: 2005)⁷.

Neste novo ambiente da internet, as relações sociais passam a ser reorganizadas. Como consequência da interação do humano com o ciberespaço, surgem comunidades virtuais. Essa nova estrutura é resultado, principalmente, da organização dos membros de uma comunidade de acordo com interesses comuns (RECUERO: 2000)⁸. Os blogs são um bom exemplo de como a internet modificou as interações entre indivíduos no espaço virtual.

venda, fusão, redução ou quebraram e desapareceram. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolha_da_Internet Acesso em 30 de outubro de 2012.

³ Versão online da Encyclopedia Britannica, uma enciclopédia de língua inglesa publicada pela editora Encyclopedia Britannica Inc. Em 2012, a Britannica anunciou que não publicaria versões impressas, dedicando-se apenas à online.

⁴ Processo de produção e disseminação de informações, tornando-as disponíveis ao público em geral.

⁵ Enciclopédia livre, multilíngüe, baseada na web e na colaboração. Qualquer pessoa pode publicar e editar artigos. Ver <http://www.wikipedia.org/>

⁶ Site que oferece um serviço online de adicionar e pesquisar bookmarks sobre qualquer assunto. Além de ser um mecanismo de buscas, é uma ferramenta para arquivar e catalogar os sites preferidos de um usuário. Cf. delicious.com.

⁷ O'REILLY. Tim. **O que é Web 2.0**. Disponível em <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> Acesso em 20 de novembro de 2012.

⁸ RECUERO, Raquel. **A internet e a nova revolução na comunicação mundial**. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/revolucao.htm> Acesso em 30 de outubro de 2012.

A maioria das pessoas cria blogs sobre os assuntos pelos quais têm mais interesse ou como alternativa para a falta de informações sobre um determinado tema. O ambiente é pessoal e personalizado, o que permite a exposição de novos pontos de vista. Assim, traz a oportunidade de publicar “livremente” opiniões pessoais. Essa se tornou, inclusive, uma alternativa muito utilizada por jornalistas, que assumem suas posições individuais em seus blogs, separadamente daquelas emitidas pelos veículos onde trabalham, já que o blogueiro é o seu próprio editor.

A chamada blogosfera provocou um efeito muito impactante na rede e no próprio jornalismo. Os grandes jornais e revistas criaram seus próprios blogs dentro das suas páginas de jornalismo online e os deixaram sob a responsabilidade de colunistas e outros expoentes até então desconhecidos. Nos Estados Unidos o fenômeno dos blogs é tão impactante que eles correspondem a uma fatia significativa da leitura de notícias de seus cidadãos. Um em cada quatro americanos lê blogs pelo menos uma vez por semana (DOCTOR: 2011).

Outro aspecto relevante na discussão do ambiente criado pela Web 2.0 diz respeito ao surgimento das redes sociais. Para Recuero, elas “trouxeram um novo potencial de difusão de informações diferentes daquelas que estavam no *mainstream* jornalístico.” Com a internet, os grupos sociais estão permanentemente conectados por uma rede com amplo potencial informativo.

Através das redes sociais, as conexões podem ser mantidas mesmo a distância e há maior controle e mobilização social de seus atores. Essas ferramentas se tornaram novas fontes de informação; é possível encontrar especialistas em alguns assuntos e notícias em primeira mão que podem pautar os veículos de comunicação. Portanto, as redes sociais contribuem com o jornalismo na medida em que constituem espaços de reverberação e discussão das notícias que circulam na web (RECUERO: 2009)⁹.

Outro fenômeno constantemente citado pelos estudiosos da Web 2.0 e da convergência de mídia e que merece destaque é o Napster (programa para troca de músicas pela rede). Em 2000, ele explodiu mundialmente e no ano seguinte foi retirado do ar pela Justiça, devido à influência das gravadoras que se sentiram ameaçadas pela tecnologia que despontava. Pouco depois, diversos programas semelhantes proliferaram e até hoje

⁹ RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão.** Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

permitem o compartilhamento e troca de músicas e arquivos. Mas a indústria do entretenimento já não consegue impedir sua atuação porque são dispositivos descentralizados (DORIA: 2009, 188).

Esses programas funcionam segundo a lógica do peer-to-peer (P2P), ou comunicação entre pares, uma arquitetura de sistemas caracterizada pela descentralização das funções da rede. Cada ponto realiza funções de servidor e de cliente. Hoje, entretanto, o P2P pressupõe mais do que a comunicação entre computadores, exige que outros fatores estejam alinhados a favor de seu funcionamento.

Para Malini, depois do Napster, a configuração da internet caminha para uma nova paisagem midiática. A lógica do P2P passou a determinar também as relações e a definir práticas sociais relacionadas à construção de novos meios de expressão da cultura.

Segundo o autor, há outros aspectos que influem no que se vê na rede. Além dos computadores físicos, são necessários pontos de acesso, softwares destinados à participação, uma infraestrutura legal e, por fim, o requisito social. Ou seja, a aceleração da capacidade dos cidadãos de participar da criação e divulgação de suas próprias obras¹⁰.

Para Doria, essas transformações não foram ocasionadas pela internet, apesar de ser um poderoso veículo de comunicação. “A mudança é cultural. De alguma maneira, o interesse da sociedade pela mudança já existia, o desejo já estava lá de alguma forma, e a ferramenta auxilia sua realização” (DORIA: 2009, 187).

O autor compara a crise vivida pelas gravadoras em 2000 com a situação dos jornais americanos em 2008. Os dois casos, segundo ele, pertenceriam ao mesmo momento histórico. Ambos foram atingidos pelo avanço da tecnologia e transformação da postura do público. Segundo ele, a tecnologia permitiu que as pessoas encontrassem o que buscavam. Os jornais começaram a se adaptar ao novo cenário, como uma consequência da mudança de seus leitores (DORIA: 2009, 187 e 195).

A diferença é o tipo de consumidor de mídia e informação: um consumidor é passivo, o outro é ativo. O velho consumidor recostava-se em sua poltrona e esperava que a informação lhe fosse transmitida por alguma autoridade: o jornal, a tevê, a enciclopédia ou a primeira página do portal. A diferença é que o novo consumidor quer intervir. Ele vai à informação, não espera que lhe

¹⁰ MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo.** Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2015-1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

entreguem nada. Ele mexe, republica, distribui. A palavra de ordem, novamente, é *mashup*: mistura (DORIA: 2009, 197).

2.2 Web e Jornalismo Participativo

As comunicações sempre foram influenciadas, em alguma medida, pelas inovações tecnológicas. Foi ao longo dessa evolução dos meios de comunicação que surgiram muitas técnicas jornalísticas que perduram até hoje. Em meados do século XIX, por exemplo, com a chegada do telégrafo, foi possível transmitir notícias em escala mundial¹¹. Ao longo da Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, com nova tecnologia, os jornalistas podiam enviar suas crônicas de guerra. Como muitas vezes os cabos do telégrafo eram atingidos nos combates, os redatores criaram o hábito de escrever o primeiro parágrafo de seus textos com as principais informações, deixando de lado o relato noticioso cronológico. Quando possível, os desdobramentos dos acontecimentos eram enviados em seguida. Foi nesse contexto que se desenvolveu a técnica da pirâmide invertida (CANAVILHAS, 2010)¹².

A cada novo meio que se apresenta, são herdadas características do anterior e até que se compreenda seu funcionamento e possibilidades técnicas, o que se faz é muito parecido. O rádio, no momento do seu surgimento, nada mais era que um jornal impresso lido, e depois, a televisão veio como um rádio com imagens. Aos poucos cada meio foi conhecendo e aprimorando os recursos que as tecnologias lhes disponibilizavam até chegarem aos moldes que se conhece. E o mesmo vem ocorrendo com a web.

Mielniczuk propõe uma divisão do webjornalismo em três momentos, considerando que tanto o produto jornalístico quanto sua produção e disseminação de informações se transformaram ao longo de três gerações. A primeira, também chamada fase de transposição, corresponde ao período no qual os produtos online eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos. A atualização do conteúdo era feita a cada 24 horas, seguindo o modelo de redação e fechamento das edições em papel.

¹¹ OLIVEIRA, Caroline Farinazzo e GLANZMAN, José Honório. **Jornalismo na era da Web 2.0**. Disponível em http://web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/cesrevista/edicoes/2010/06_COMUNICACAO_jornalismoaeradawe_b.pdf Acesso em 28 de novembro de 2012.

¹² CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web**. In: I Congresso Ibérico de Comunicação, maio de 2001, Málaga.

A segunda geração ou fase da metáfora é favorecida por melhorias técnicas na internet, o que estimula algumas experiências novas como o uso de links no título das matérias e do email como meio de comunicação entre jornalista e leitor. Apesar desses avanços, a prática do jornalismo na web ainda permanecia atrelada ao jornal impresso e aos meios de comunicação que detinham a credibilidade no ramo.

Na terceira geração, o cenário se modifica com iniciativas voltadas exclusivamente à exploração das potencialidades da web. Surgem sites jornalísticos que pensam além de uma versão online, começam a ser desenvolvidos produtos com recursos audiovisuais, interativos e o hipertexto.

Para muitos autores, entretanto, apesar das potencialidades da nova mídia, o que se observa é uma manutenção das antigas técnicas de reportagem, a exemplo da pirâmide invertida dos tempos de guerra e que se aplica ao jornalismo impresso. Segundo Canavilhas, “a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico em uma rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco atrativa” (CANAVILHAS, 2010)¹³.

Com a Web 2.0, as críticas à pirâmide invertida ganharam ainda mais força. Salaverría corrobora o posicionamento de Canavilhas. Para ele, “as formas de apresentar notícias e, em particular, os critérios de estruturação redacional e colocação dos textos nas páginas demonstram um estancamento”¹⁴. Ou seja, os avanços técnicos não são acompanhados de mudanças na rotina profissional.

Salaverría afirma que muitas empresas jornalísticas estão na rede apenas por uma exigência de mercado, mas como ainda não sabem como explorar economicamente o jornalismo na web, não se preocupam em compreendê-lo. O autor chama a atenção para a necessidade de estudar as possibilidades do hipertexto. Segundo ele, esse recurso redacional permite que a notícia supere suas limitações e ganhe algo novo que a enriquece.

O hipertexto seria, portanto, uma das utilizações mais completas dos recursos oferecidos pela web. O texto se desvincula de características documentais e pode se

¹³ CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web.** In: I Congresso Ibérico de Comunicação, maio de 2001, Málaga.

¹⁴ Texto original: “Las formas de presentar las noticias y, en particular, los criterios de estructuración redaccional y puesta en página de los textos informativos muestran un peligroso estancamiento.” Cf. SALAVERRÍA, Ramón. **De la pirámide invertida al hipertexto.** Disponível em <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> Acesso em 20 de dezembro de 2012.

estender por diferentes páginas através de links. Assim, os conteúdos se ampliam à medida que novas informações são relacionadas e são agregados recursos gráficos e audiovisuais.

O hipertexto põe, pela primeira vez, nas mãos do leitor – não do jornalista – a possibilidade de ampliar até onde deseja a contextualização documental de cada informação e, ao mesmo tempo, o libera de ler passagens documentais indesejadas que demoram ou obscurecem a leitura (SALAVERRÍA: 1999).¹⁵

No cenário da Web 2.0 ocorre uma mudança de papéis, que retira o receptor da posição de mero interlocutor passivo. O leitor passa também a produzir e distribuir conteúdo. Jornalistas e cidadãos “comuns” encontram-se no mesmo espaço produtivo e competem pela atenção dos interagentes¹⁶ de modo igualitário. Assim, as grandes empresas jornalísticas perceberam que o velho modelo comunicativo não teria espaço, era necessário promover a participação em seus portais de notícias.

A interatividade é uma das características da Web 2.0 que influencia diretamente na prática jornalística¹⁷. O princípio de construção coletiva e colaboração tornaram-se aspectos primordiais para o jornalismo online. Essa interação ocorre durante todo o processo, desde a apuração até a publicação das informações nas plataformas colaborativas, redes sociais ou blogs.

No modelo tradicional de jornalismo, uma das principais funções atribuídas aos seus profissionais é a de filtro das informações que chegam às redações. O conceito de *gatekeeper* designa essa característica, em que o jornalista detém o poder de decisão do que é relevante para a publicação, ou seja, do que se enquadra dentro dos valores-notícia.

¹⁵ Tradução livre nossa. Texto original: “Em definitiva, el hipertexto pone, por primera vez, en manos del lector _no del periodista_ la posibilidad de ampliar hasta donde desee la contextualización documental de cada información y, al mismo tiempo, le libera de leer pasajes documentales indeseados que ralentizan o oscurecen la lectura.” Cf. SALAVERRÍA, Ramón. **De la pirámide invertida al hipertexto**. Disponível em <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> Acesso em 20 de dezembro de 2012.

¹⁶ O termo interagente mostra-se mais adequado ao presente trabalho, pois tem seu enfoque na interação entre os sujeitos, destaca sua participação ativa no processo de comunicação. Os termos usuário e internauta não se aplicam por designarem tão somente aqueles que consomem os produtos da web, sem provocar nenhum tipo de transformação. Cf. PRIMO, Alex Fernando Teixeira e TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

¹⁷ SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **Jornalismo e interatividade na Web 2.0: a produção de conteúdo pelo público em redes digitais**. Disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Jornalismo_e_interatividade_na_web_2.0%3B_a_produ%C3%A7%C3%A3o_de_conte%C3%BAdo_pelo_p%C3%BAblico_em_redes_digitais Acesso em 28 de novembro de 2012.

Alguns autores consideram que haveria “portões” de informação controlados pelos jornalistas, pois eles seriam responsáveis pelo controle dos conteúdos selecionados, avaliando os critérios de noticiabilidade.

No ciberespaço, esse conceito perde força e emerge o *gatewatching*, que reuniria as funções de porteiro e bibliotecário. O jornalista seria um avaliador, já que a grande quantidade de informações disponíveis e o livre espaço oferecido pela web fazem com que os conteúdos não precisem ser descartados. Há um deslocamento da coleta de informações para a seleção das mesmas¹⁸.

Recuero ressalta que, além da interatividade, a internet é o resultado de uma convergência de mídias, já que as tradicionais formas de fazer jornalismo se reúnem na rede, com o diferencial de que cada indivíduo é um emissor e receptor simultaneamente¹⁹. Com isso, há um estímulo à produção dos cidadãos, já que a comunicação não obedece a níveis hierárquicos, mas ocorre de forma horizontal.

A colaboração exercida pelos cidadãos cria uma nova oferta de informações, diferente dos sites tradicionais de notícias. Há um processo baseado na coleta, classificação e associação de trabalhos já existentes, conferindo-lhes uma nova significação. A participação gera uma nova oferta de informações, diferentes do que havia até então. Os novos conteúdos podem complementar, subverter ou divergir daqueles veiculados normalmente²⁰.

Para Malini, “a própria sociedade acaba por criar uma cultura generalizada de colaboração na medida em que são criados meios sociais ou meios cidadãos totalmente autorregulados e editados”. O autor pressupõe que os novos moldes de colaboração não possuem nenhum tipo de mediação. Todavia, muitos portais colaborativos apresentam políticas e termos a serem seguidos por aqueles que desejam colaborar. Nesses casos, a participação existe, mas é condicionada por determinados parâmetros jornalísticos.

O OhMyNews foi o primeiro portal de conteúdo totalmente colaborativo que se tem notícia. Surgido em meio à ditadura militar da Coreia do Sul, o site tinha como

¹⁸ PRIMO, Alex Fernando Teixeira e TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

¹⁹ RECUERO, RAQUEL. **A internet e a nova revolução na comunicação mundial**. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/revolucao.htm> Acesso em 30 de outubro de 2012.

²⁰ MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2015-1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

objetivo defender pontos de vista mais liberais com a máxima de que “todo cidadão é um repórter”. A ideia era que os habitantes do país enviassem artigos com informações locais, o que acabava resultando no envio de conteúdos diferentes dos demais jornais (SBARAI: 2009).

No Brasil, um dos sites de jornalismo colaborativo que mais se destaca é o Overmundo. Lançado em 2006, o portal é voltado para a cultura brasileira e para manifestações culturais de brasileiros pelo mundo. Com a máxima “O Overmundo é feito pela sua própria comunidade”, o site estimula a divulgação de produções culturais que, em geral, não recebem a devida atenção nos meios de comunicação tradicionais²¹.

Não apenas nesses dois exemplos, mas em outros sites no mesmo formato, o que se vê é uma crescente participação dos leitores, seja como autores dos textos ou promovendo discussões e postando comentários. A esse movimento do público “leigo” são dadas diferentes nomenclaturas: jornalismo participativo, colaborativo, *open source*, cidadão-repórter, entre outros.

Para Sbarai, o termo mais adequado para definir esse processo seria jornalismo colaborativo. Na opinião do autor, colaborar transcende a participar porque pressupõe uma produção em parceria, em alto grau de interatividade (SBARAI: 2009). Primo e Träsel preferem utilizar webjornalismo participativo, definido como prática desenvolvida em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na web, onde a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe²².

Independente do nome dado a esse fenômeno, é importante considerar que o mesmo representa um marco na evolução do jornalismo na web e das transformações provocadas pelas tecnologias. A palavra de ordem é interatividade e o desafio é cada vez mais compreender as potencialidades da Web 2.0 e explorá-las de modo a incluir o público em geral.

²¹ Disponível em http://www.overmundo.com.br/estaticas/tour_o_que_e.php Acesso em 6 de janeiro de 2013.

²² PRIMO, Alex Fernando Teixeira e TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

3. O JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Como exposto no capítulo anterior, o jornalismo, enquanto prática de Comunicação que constrói sentidos, já não pode ser estudado do ponto de vista da teoria emissor/receptor, ou seja, a que concebe um emissor enviando uma mensagem através de um código e esta chegando a um interlocutor que se limita a receber informações. Os discursos vão muito além desse padrão, em parte pelas mudanças provocadas pelas tecnologias, que hoje permitem maior interação e participação dos receptores, e, por outro lado, pelos avanços das teorias que os estudam.

Exemplo disso é a Semiologia que, segundo Verón, passou por diferentes momentos até chegar a sua fase atual, adaptando-se às necessidades de compreensão dos processos comunicativos como um todo. A princípio, na década de 1960, valorizava-se a análise da mensagem propriamente dita mediante a seleção de um *corpus*, restringindo-se a ele, sob um olhar imanentista, para avaliar a produção de sentido. Em sua segunda fase, na década de 1970, a partir do texto a Semiologia dedicava-se a reconstituir sua produção, ou seja, seu processo de criação.

Nos anos 1980, na terceira geração, Verón sugere que a Semiologia seria capaz de agregar à sua teoria “os efeitos de sentido”. A partir de então, passou a conjugar todo o processo de significação, desde a construção de sentido até a recepção. A mensagem torna-se, portanto, apenas o ponto de passagem, já que o verdadeiro objeto de estudo perpassa a produção e o reconhecimento dos sentidos produzidos pelos discursos (VERÓN: 2004, 215).

A partir da terceira geração, a Semiologia começou a se preocupar com a produção de sentido considerando a enunciação dos discursos. No entanto, é preciso considerar que uma mensagem não produz um único efeito, já que cada discurso possui múltiplos efeitos de sentido. Por isso, a relação emissão e reconhecimento é complexa e não pode ser analisada do ponto de vista meramente da causalidade. Não há uma regra que determine como um discurso será percebido pela audiência e é assim que surge a Teoria da Enunciação, como um importante caminho de esclarecimento.

Essa teoria observa, igualmente, os dois momentos do processo comunicativo: a produção e a recepção. Assim, o objeto de estudo se expande e compreende diferentes aspectos que estão em jogo na enunciação. A Semiologia já não se limita apenas à observação do código ou da mensagem em si, mas leva em consideração todas as

operações que ocorrem dentro do tempo e espaço considerados, bem como o locutor e sua subjetividade e o lugar de interação com o receptor (VERÓN: 1985, 205).

Verón chama atenção para a importância da diferenciação entre enunciação e enunciado. Este é a mensagem propriamente dita, aquilo que está escrito ou foi falado, é o conteúdo. O enunciado é o que foi *dito*. Já a enunciação é a forma como se diz, está no campo do *dizer* e refere-se às suas modalidades, ou *modos de dizer*. Segundo o autor, há elementos linguísticos que demarcam os planos da enunciação e do enunciado. Por exemplo, os pronomes pessoais são indicativos da enunciação porque, embora sozinhos sejam vazios de significado, quando utilizados, no momento da enunciação, são preenchidos e dão forma ao discurso (VERÓN: 2004, 217).

Benveniste, precursor da Teoria da Enunciação, já a definia como o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. De acordo com ele, o discurso só funciona quando o sujeito investe nele sua subjetividade e isso pode ser identificado através da escolha de alguns componentes gramaticais cujo uso transforma a linguagem em discurso. Esse “aparelho formal da enunciação” é composto pelos dêiticos *eu* (locutor), *tu* (interlocutor), *aqui* (lugar) e *agora* (tempo), pronomes demonstrativos, argumentação e persuasão (BENVENISTE: 1989, 82).

Tendo em mente a enunciação e suas principais características, Mikhail Bakhtin, no início do século XX, já destacava a importância da natureza social e ideológica da linguagem. Para o autor, a enunciação é totalmente determinada pelas relações sociais porque o centro da sua organização está no meio social que envolve o indivíduo, o enunciator e, como consequência, o discurso (BAKHTIN: 1986, 62).

No ato enunciativo, segundo Benveniste, o sujeito constitui a si mesmo e ao interlocutor, define a posição do eu e do tu (os actantes da enunciação) e a relação discursiva com o outro. Valoriza-se, portanto, o sujeito como articulador do discurso e das interações estabelecidas com o destinatário, ou receptor. O linguista destaca a diferença existente entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, o que reflete a necessidade de compreender a polifonia dos discursos.

Em um único discurso, diversas vozes convivem na forma de pontos de vista, opiniões, visões de mundo, tendências. Diferentes enunciados convergem demonstrando que não existe um enunciado único, puro. A polifonia caracteriza a relação entre essas “formas do dizer”, como as diferentes vozes que habitam um discurso dialogam entre si. A significação se constrói a partir desse dialogismo (BAKHTIN: 1986, 113).

Num texto jornalístico, muitas vozes se apresentam: o veículo, as fontes, o governo, instituições, testemunhas, entre outros. Através da reunião dessas vozes, com a mediação de um jornalista, o leitor chega a um entendimento, produz um sentido com o que lê, com o vídeo que assiste e com as fotos disponíveis. Mas a polifonia não se limita ao discurso, ao texto, ela se estende para além da dimensão verbal.

A significação é o produto de uma conjunção de fatores que se articulam dentro de um discurso, mas também fora dele. A polifonia existe dentro de um texto jornalístico, por exemplo, mas a produção de sentido sobre aquele dado material é estruturada através de outros textos aos quais o leitor teve acesso para chegar a uma determinada “conclusão” sobre o tema.

Bakhtin também suscita a importância da análise do enunciado como um fenômeno complexo. Nele devem ser considerados o autor, suas relações com outros enunciados e o meio social no qual ele está inserido, como mencionado anteriormente. Um texto deve dialogar com discursos anteriores e outros que possam vir a ser construídos e é desse diálogo que advém a polifonia (BAKHTIN: 1986, 127).

Para Verón, o analista deve observar as condições de produção dos discursos. A maneira como ele é elaborado deixa traços, marcas no objeto significante, dando-lhe características específicas de acordo com a situação na qual ele é produzido. Além disso, o enunciado se modifica ao longo do caminho percorrido até a audiência. Quando se estuda um discurso, é necessário ter em mente as condições diversas que o atravessam.

Assim como faz Bakhtin, Verón propõe que o contexto de criação e o meio social no qual o discurso circula sejam observados. Haveria, então, três fases: produção, circulação e consumo. Até chegar ao consumo real e simbólico, os enunciados sofrem a influência do meio no qual são construídos. No âmbito do consumo, o autor define essas interferências como condições de reconhecimento. Desde o seu desenvolvimento até ser reconhecido pelo público esse discurso se mantém vivo e é constantemente alimentado por outras vozes.

Enunciador e destinatário são entidades discursivas que apresentam um papel fundamental na enunciação. O emissor, ao formular seu enunciado, leva em conta o interlocutor, suas percepções e opiniões de modo a tentar presumir suas respostas àquele texto. Assim, o emissor adapta-se aos enunciados procurando compreender seu público alvo, modifica seu lugar no discurso e sua imagem. O mesmo emissor pode, portanto, em discursos diferentes, constituir enunciadores diferentes.

Essas entidades discursivas são importantes para caracterizar o dispositivo de enunciação, independente da sua natureza, pelas modalidades do dizer. Para Verón, esse dispositivo, o contrato de leitura, é um aspecto fundamental do funcionamento de qualquer meio de comunicação, nele se caracteriza a relação entre um suporte e o seu público.

Até então, semiólogos ocupavam-se em estudar a obra e seus discursos, enquanto os sociólogos analisavam os leitores e não-leitores, mas em nenhum momento se questionavam sobre o funcionamento dos textos. Os dois saberes encontravam-se separados. Verón destaca que o suporte e seus leitores não podem ser considerados realidades separadas. Para ele, seria então necessário compreender sua relação, o que justifica a importância do contrato de leitura (VERÓN: 1985, 205).

Quando se estuda o contrato de leitura, o conteúdo não é deixado de lado porque faz parte dessa relação, mas, ao estudar o dispositivo de enunciação, o enunciado não tem a mesma importância que em uma análise de conteúdo, por exemplo. É comum que muitos suportes de comunicação veiculem os mesmos conteúdos e, por isso, pareçam iguais. Entretanto, ao analisar seus contratos de leitura, pode-se chegar a resultados muito diferentes. É nessa diferenciação que se identifica a especificidade de cada um.

Verón afirma que “é o contrato de leitura que cria o vínculo entre o suporte e seu leitor”. Baixas no número de leitores ou sua estagnação são decorrências de alterações no contrato de leitura ou mudanças redacionais que são inconscientemente percebidas pelos leitores, pela audiência. Os destinatários criam vínculos com determinados veículos de informação, uma relação de fidelidade bastante sensível. Embora implícitas, há algumas regras que regem esse relacionamento, um contrato (VERÓN: 2004, 219).

Esse contrato de leitura abrange todos os aspectos da construção de um suporte de imprensa, na medida em que ele constrói uma relação com o leitor. Capa, títulos, imagens, classificação do material apresentado compõem as estruturas enunciativas que o suporte apresenta ao público. O sucesso ou fracasso de um veículo não é dado pelo conteúdo disponibilizado, pelo que é dito, mas pelas modalidades de dizer esses conteúdos. Ou seja, pela enunciação.

O enunciator propõe ao destinatário um lugar, sempre por meio de escolhas entre diversas dimensões, como posição didática ou não, transparência ou opacidade, distância ou diálogo, partilha de valores no nível do dito ou no plano das modalidades do dizer. A posição do enunciator acaba definindo a do destinatário, um discurso constrói uma

determinada imagem de quem fala e deste para quem fala. O funcionamento da enunciação cria, então, um vínculo entre esses “lugares” por meio de escolhas.

Segundo Verón, “a análise semiológica tem como objetivo descrever e destacar todas as operações que, no discurso do suporte, determinam a posição do enunciador e, conseqüentemente, do destinatário” (VERÓN: 2004, 233). O contrato de leitura pressupõe que percursos múltiplos sejam apresentados ao leitor que, mediante as possibilidades ao seu alcance, se relaciona com o conteúdo.

Essa análise do discurso deve ser feita de forma comparativa, observando-se a regularidade de determinadas operações, que dão estabilidade à relação suporte/leitor. Características discursivas isoladas não podem determinar o contrato de leitura, porque ele é fruto de uma constância, de elementos que se repetem. “A análise deve abranger a lógica de conjunto de cada suporte com suas eventuais incoerências e contradições”, destaca o autor (VERÓN: 2004, 234).

Para definir como se dá o contrato de leitura de um suporte, são necessários três momentos de análise. A princípio, como foi dito acima, deve-se observar as regularidades, características que reaparecem no discurso, mesmo a propósito de temas diferentes. Depois, é feita a comparação entre os suportes com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças que indiquem as particularidades de cada um. Por último, são determinadas as configurações mais gerais de cada suporte para compreender o contrato de leitura estabelecido, seus pontos fracos e fortes.

Uma análise do dispositivo de enunciação é o que chamo de uma análise na produção: mas o contrato se cumpre, mais ou menos bem, no leitor: no reconhecimento. Devemos, pois, ir ver, junto aos leitores do universo de concorrência estudado, o que se passa com os contratos propostos pelos suportes que fazem parte desse universo, qual a eficácia relativa de cada contrato, seus pontos fortes e seus pontos fracos (VERÓN: 2004, 234).

Depois da análise dos modos de dizer de um suporte, há uma etapa prática, que pode ser feita através de entrevistas com os leitores. É a partir dela que se depreende como os contratos de leitura funcionam, como é sua percepção pelo público. Apesar de o contrato ser estabelecido desde a produção dos discursos, ele só se efetiva na recepção, no reconhecimento.

Para Eric Landowski, um veículo de comunicação, pelo modo como constrói seu contrato de leitura, pode ser considerado um sujeito semiótico. O autor explica o conceito

como sendo “é uma forma ou produto de uma organização formal (discursiva), um efeito de sentido que tomaremos como o pressuposto ou a resultante do discurso realizado” (LANDOWSKI: 1992, 168).

O sujeito semiótico corresponde à forma como um veículo se apresenta não só à audiência, mas aos seus próprios redatores, como um conjunto de características que o definem e delineiam o seu perfil. A partir dele são estabelecidas relações duradouras ou não de atração ou repulsão. Apesar de ser formado por um conjunto de vozes heterogêneas, esse sujeito faz emergir um estilo que corresponde a sua identidade. Por ela, passam a lógica de contrato, fidelidade, devoção e compreensão mútua que saciam as necessidades do público (LANDOWSKI: 1992, 118).

Embora Verón utilize a Teoria da Enunciação para analisar publicações impressas, os conceitos de polifonia e contrato de leitura se aplicam perfeitamente ao estudo de outros suportes midiáticos. O presente trabalho tem como base essa vertente metodológica e como objeto de estudo portais colaborativos. Existem muitas características que os diferem das mídias tradicionais impressas, mas há alguns elementos que perpassam todos os meios de comunicação. A Web 2.0 trouxe novas ferramentas que podem facilmente ser abordadas através da enunciação.

A hierarquia das notícias na página principal de um website pode ser comparada à capa de um jornal, bem como as demais páginas das editorias aos cadernos. Chamadas são organizadas através de categorias, que podem ser melhor exploradas navegando pelas páginas, ou de forma análoga, folheando o impresso. O lead é uma das técnicas que se mantém nas plataformas online, apesar do desafio de ser atraente o suficiente para instigar o clique. Essas são apenas algumas características do jornalismo que perduraram na internet.

A nova geração da web é notadamente marcada pela interatividade e pelo conceito de rede, características que trouxeram novas possibilidades de difusão de informações. Nesse meio se expandiram as redes sociais, como Orkut, Facebook e Twitter²³, nas quais produtor e consumidor de conteúdo ocupam o mesmo espaço e se confundem. Esses aspectos foram incorporados pelos portais de jornalismo, que procuram se aproximar do público através de mecanismos de participação.

²³ Orkut e Facebook são redes sociais nas quais os usuários podem adicionar amigos e se relacionar através de mensagens. O Twitter é uma rede social e servidor para microblogging que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres.

Segundo Raquel Recuero, a conexão permanente dos grupos sociais através da internet faz com que as informações persistam nesse ambiente online, elas podem ser buscadas, organizadas e direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicadas. A circulação de informações é também uma circulação de valor social, ou seja, capital social, que gera impactos na rede.

Segundo a autora, os estudos sobre a construção do capital social e sua mobilização pelos atores sociais reforçam a ideia de que a internet permite que esse movimento seja mais natural. A maior participação e controle das informações que circulam nas redes sociais dão autonomia aos interagentes. Além disso, as conexões podem ser mantidas a distância, fazendo com que os atores as gerenciem melhor e tenham a possibilidade de se apropriar desse capital social²⁴.

Malini relaciona alguns pontos que caracterizam a nova paisagem midiática da internet e destaca o requisito social, como mencionado no capítulo anterior, fator que significa a “aceleração da capacidade, em massa, por parte dos cidadãos, de participar da criação e divulgação de suas próprias obras”. O autor defende a ideia de que esse espaço de colaboração dá mais autonomia aos interagentes, que podem criar seu próprio espaço de comunicação²⁵.

Levando em consideração essa característica, Raquel Recuero identifica como os atores sociais podem aproveitar os recursos da rede para mobilizar-se em proveito próprio. Assim, a publicação de determinadas informações pode estar diretamente relacionada com a percepção do impacto que seu capital social pode gerar. Esse impacto depende da relevância da informação para o grupo e o quanto ela é nova para a rede social na qual se insere.

Portanto, os interagentes reconhecem a rede como um espaço com potencial para o estreitamento de suas conexões e um caminho para viabilizar suas causas pessoais ou dos grupos aos quais pertencem²⁶. A internet criou um ambiente propício para que esses

²⁴ RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

²⁵ MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2015-1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

²⁶ RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

cidadãos não só se expressassem, mas também pudessem colocar em pauta questões particulares de sua realidade ou grupo social.

Os portais a serem analisados neste trabalho são considerados plataformas de jornalismo colaborativo. Neles, será analisado como o capital social circula e é apropriado pelos leitores e produtores. O conceito de vozes exposto acima também se aplica sob o ponto de vista da participação de cidadãos “comuns” no processo de construção das notícias.

O trabalho colaborativo, de acordo com Malini, pressupõe a coleta, classificação e associação de trabalhos já existentes, dentro de um universo variado de sentido.

Nesse sentido, criar é reunir fragmentos de estéticas disponíveis na rede para que se atribua a estes novos significados e valores. O fundamento da colaboração em nova mídia é a reinterpretação coletiva, portanto. Esta serviria como uma proposição rítmica original para que uma sugestão inicial possa ser modificada ou complementada²⁷.

A textos preexistentes são agregadas vozes de um público que até então ocupava uma posição passiva de receptor de informações. A polifonia produzida por essa conjunção de textos e discursos juntamente com a circulação de capital social, favorecida pela comunicação em rede, e o contrato social estabelecido com os meios de comunicação gera uma significação que será estudada no próximo capítulo. Para tanto, serão analisados dois portais de jornalismo colaborativo.

²⁷ MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo.** Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2015-1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

4. HISTÓRICO DE UM PORTAL PIONEIRO

O Viva Favela é um portal colaborativo criado pela ONG Viva Rio²⁸. O projeto teve início quando líderes comunitários manifestaram seu desejo de criar uma abordagem mais precisa e menos preconceituosa das favelas do Rio de Janeiro. O apelo chegou ao Viva Rio em 1995, quando foi levado aos representantes dos principais jornais em circulação na época: Walter Mattos (*O Dia*), João Roberto Marinho (*O Globo*) e Kiko Brito (*Jornal do Brasil*), que contribuiriam para a realização dessa empreitada.

As favelas do Rio de Janeiro eram um universo de histórias a serem exploradas, mas pouco se sabia sobre elas, a oferta de informações às quais o público tinha acesso era restrita à cobertura dos grandes veículos de comunicação. O outro lado queria ganhar voz. E, contraditoriamente, foi a grande mídia quem bancou e apoiou a ideia.

O desafio do Viva Favela seria modificar a imagem das favelas na mídia, até então fortemente marcadas pelo estigma da violência. Esse compromisso foi fruto da reunião entre lideranças comunitárias e representantes dos três principais jornais da cidade, *O Globo*, *O Dia* e *Jornal do Brasil*. Dentre as soluções pensadas estiveram a criação de uma agência de notícias e a criação de um braço social do No.²⁹, mas a decisão seria por outra plataforma.

Em 2000, com a expansão da internet no Brasil, veio a ideia do site, um veículo virtual que seria mais barato e viável. João Roberto Marinho, que era conselheiro do Viva Rio, defendeu a causa da inclusão digital e disse que teria que ser algo independente, que não estivesse atrelado a um provedor. Assim, as Organizações Globo viabilizariam o desenvolvimento e a manutenção inicial do Viva Favela (RAMALHO: 2007, 47 e 48).

O acordo feito com os Marinho previa a doação de um milhão e meio de reais para a criação e manutenção do portal durante um ano. O financiamento sairia da recém-criada Globo.com. O Viva Rio, por outro lado, deveria colocar o site no ar em seis meses e nos seis meses seguintes buscar sua autossuficiência, captando recursos para caminhar sozinho. Na prática, o dinheiro durou um ano e meio, mas a independência foi algo mais difícil de conquistar.

²⁸ Fundado em 1993, o Viva Rio é uma instituição comprometida com a promoção da paz e da inclusão social por meio de pesquisa, trabalho de campo e formulação de políticas públicas.

²⁹ Revista eletrônica pioneira com colaboradores em vários pontos do país. O site, hoje extinto, esteve no ar entre 2000 e 2002.

O diálogo com os interlocutores na Globo.com era complicado, na época uma empresa nova e que ainda não havia encontrado seu próprio caminho. Acreditava-se que eles tinham interesse em hospedar o Viva Favela e expandir o acesso à Internet nas comunidades, o que atrairia mais acessos para o site. No entanto, nada disso aconteceu. A direção mudou e, com isso, os interesses se modificaram e a parceria chegou ao fim. Havia uma concorrência forte com outros portais de notícias, viviam-se as incertezas da crise da bolha³⁰ e a Globo.com passou a focar nas classes A e B. O Viva Favela daria um retorno somente a longo prazo; dessa forma, as Organizações Globo tornaram-se apenas patrocinadores (RAMALHO: 2007, 46).

A criação do portal coincidiu com alguns fatores que contribuíram para a obtenção de resultados. A expansão da internet permitiu que novos canais de comunicação fossem criados sem a preocupação dos aumentos do preço do papel, que afetavam os meios impressos. Além disso, a cobertura de favelas no Rio de Janeiro tornava-se cada vez mais escassa devido ao aumento da violência e à ampliação do narcotráfico a partir da década de 1990.

A morte do jornalista Tim Lopes, da Rede Globo, em 2002, seria um marco das coberturas nos morros. A partir daí, diversos veículos passaram a restringir a atuação dos jornalistas nessas áreas como medida de segurança. O Viva Favela teria, então, um papel fundamental ao levar as notícias das comunidades ao asfalto e seria uma importante fonte de informações sobre essas localidades. O site traria histórias e personagens que somente quem habitava ou frequentava as favelas poderia conhecer (RAMALHO: 2007, 16).

O projeto foi inspirado pela experiência da revista eletrônica No. e transformou um grupo de moradores de diferentes comunidades do Rio de Janeiro em correspondentes. No início de 2001, o Viva Rio começou a recrutar possíveis futuros correspondentes comunitários nas favelas cariocas. Embora a maioria não soubesse o que isso significava, muitas pessoas foram atraídas pela divulgação feita pela ONG e pelas rádios comunitárias.

A primeira etapa de seleção era uma redação sobre a sua comunidade. Se aprovado, o candidato faria uma entrevista na sede do Viva Rio. Não bastava, entretanto, avaliar a qualidade dos textos porque quem os escrevia não eram jornalistas. Então, nas entrevistas

³⁰ Também conhecida como bolha da internet, a bolha das empresas pontocom ocorreu no final da década de 1990, quando houve uma alta significativa das ações das novas empresas de tecnologia da informação e comunicação, baseadas na internet. No início de 2001 muitas dessas empresas já estavam em processo de venda, fusão, redução ou quebraram e desapareceram. Cf. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolha_da_Internet Acesso em 30 de outubro de 2012.

tentava-se identificar a capacidade e sensibilidade da pessoa em revelar a sua comunidade. Foram selecionados quinze correspondentes, cinco de fotografia e dez de texto. Depois desse processo, todos passaram por uma capacitação, em que aprenderam algumas técnicas de jornalismo (pauta, apuração, lead e sublead) e dicas de computação e internet (RAMALHO: 2007, 31).

Apesar da grande procura pelas vagas, graças à popularidade do Viva Rio nas favelas, muitos ainda tinham desconfianças. Ramalho conta que “os correspondentes que começavam a entrar em campo temiam, sobretudo, revelar histórias que os colocassem em posição de confronto com a comunidade. Também não queriam ser obrigados a contar histórias que fossem prejudicá-los” (RAMALHO: 2007, 34). A confiança e segurança viriam apenas com o tempo.

As reuniões de pauta aconteciam nas tardes de segunda-feira, na sede da ONG Viva Rio. Os temas discutidos passavam por todas as editorias, desde comportamento e cultura até economia e polícia. A conversa trazia novos insumos para a compreensão das favelas, ainda muito pouco conhecidas. Nesses encontros, as pessoas começaram a se sentir à vontade para contar histórias que não haviam revelado a mais ninguém, o que poderia provocar crises de choro ou gargalhadas.

A equipe da redação e os correspondentes precisaram alinhar a política editorial do Viva Favela para que os assuntos tratados despertassem o interesse de diferentes públicos leitores. Era comum que os moradores sugerissem temas que se aplicavam apenas às comunidades. No entanto, era necessário mostrar o ponto de vista local, mas de uma maneira que atingisse a todos. Essa perspectiva foi facilmente compreendida pelos novatos (RAMALHO: 2007, 73).

Os correspondentes teriam, todavia, que lidar durante um bom tempo com personagens das próprias comunidades que viam no portal uma oportunidade de conquistar espaço na mídia. Nesse grupo se incluíam associações de moradores, políticos com influência local, centros culturais e amigos da família, que precisariam ser driblados.

Em muitos momentos, a redação precisaria intervir no fechamento das matérias, em parte devido à inexperiência dos correspondentes e quando era necessário entrar em contato com empresas ou órgãos públicos. Às vezes, a pauta se perdia entre apuração e texto e o grupo de jornalistas profissionais tinha um papel fundamental para identificar o problema e solucioná-lo. A maioria dos correspondentes gostava de receber ajuda da redação e via nela uma oportunidade de aprendizado.

Como a edição dos textos era uma etapa indispensável do processo de produção, o Viva Favela deixou de dar crédito exclusivo aos correspondentes e passou a dividir a autoria das reportagens entre eles e os jornalistas. Muitos ficaram insatisfeitos com a divisão da assinatura porque sentiram seu trabalho desvalorizado e questionavam o esforço envolvido na apuração. O Viva Favela queria mostrar a parceria que havia entre os membros da equipe. A solução encontrada foi colocar o nome do correspondente na página principal e um asterisco que remetia ao nome do jornalista responsável pela edição na página interna.

O portal revelava pessoas e histórias até então desconhecidas e, muitas vezes, comuns nas favelas. Muitos correspondentes gostavam de dar voz às pessoas anônimas e mostrar a comunidade pontos de vista diferentes, oferecendo uma nova percepção dessas áreas.

No portal, realmente, sempre havia uma oportunidade para os anônimos se expressarem. E lugar para personagens como empregadas domésticas, pedreiros e vendedores de bala. Ao expor de forma profunda o cotidiano dessa população de baixa renda, o Viva Favela revelava, de quebra, as teias invisíveis que dificultavam a mobilidade social. E mostrava de que forma a criatividade e as redes de solidariedade permitem uma sobrevivência mais digna, mesmo diante da extrema pobreza (RAMALHO, 2007: 79).

Dar voz a pessoas que viviam no anonimato exigia cuidados porque, na maioria das vezes, elas não tinham ideia do que suas declarações poderiam provocar, como iam repercutir na imprensa e para si mesmas. Por isso, os correspondentes e a equipe de redação precisavam ficar atentos às entrevistas que eram concedidas e, de alguma forma, fazer uma mediação para preservá-las de uma exposição desnecessária.

Ramalho conta que o Viva Favela se deparou com essa situação quando, em uma série sobre mototáxis, um personagem declarava que andava com a moto irregular e ninguém o incomodava porque pagava propina aos policiais. Essa informação poderia facilmente chegar àqueles que patrulhavam a comunidade. Mesmo que os policiais não tivessem acesso ao portal, muitos correspondentes costumavam imprimir seus textos e distribuí-los pela favela (RAMALHO: 2007, 82). Exemplos como esse chamam atenção para o cuidado no processo de produção de notícias.

Apesar das dificuldades de financiamento, no segundo ano do Viva Favela, o portal já crescia e lançava diferentes sites. O “Favela tem Memória”, o primeiro deles, buscava

resgatar as histórias do surgimento das favelas do Rio de Janeiro, desde a construção dos primeiros barracos. Os correspondentes conversavam com moradores mais antigos e traziam relatos interessantes que compunham a memória dessas comunidades e seria, então, veiculada através do site.

O “Beleza Pura” foi mais um empreendimento do Viva Favela. Voltado para o público feminino, tratava de temas leves como culinária, beleza e moda, mas também de assuntos mais polêmicos, como aborto, violência doméstica e gravidez na adolescência. Havia, inclusive, uma seção dedicada às modelos e atrizes das favelas que proporcionou contratos entre profissionais e empresários.

Um terceiro site a ser criado seria o “EcoPop”, voltado para pautas sobre meio ambiente. O crescimento desordenado das comunidades colocava em discussão o tema da destruição ambiental provocada pelas moradias nas encostas. Os moradores, contudo, não deixam de ser vítimas dessa situação, da falta de políticas habitacionais e de infraestrutura nesses locais. O “EcoPop” tinha o desafio de mostrar que as favelas também desenvolviam iniciativas para resolver os problemas ecológicos.

Ao mesmo tempo em que lançava novos braços de atuação, o Viva Favela convivia com a demanda por novas abordagens. Como dito anteriormente, a morte do jornalista Tim Lopes foi um divisor de águas na cobertura de conflitos. Nessa época, não só a TV Globo, mas outros veículos de comunicação proibiram o acesso das equipes às favelas. O Viva Favela seria uma importante fonte para a grande mídia. No entanto, os correspondentes sempre resistiram às pautas sobre violência. Embora a linha editorial do portal nunca houvesse excluído o tema de suas pautas, os correspondentes buscavam desmistificar o estereótipo da favela como lugar de violência e mostrar outro tipo de cotidiano (RAMALHO: 2007, 134).

Ao longo do tempo, sugestões inesperadas dos correspondentes tocariam em assuntos mais espinhosos. Mas, em geral, quase ninguém queria jogar luz sobre as dores da favela. Além disso, qualquer reportagem sobre sua própria comunidade, acreditavam, seria automaticamente associada a eles. Mesmo que não levasse o seu crédito (RAMALHO: 2007, 137).

Alguns correspondentes começaram a manifestar o interesse por esse tipo de cobertura e as matérias foram publicadas com todo o cuidado para respeitar o anonimato

dos personagens utilizando nomes fictícios. Essa “virada” aconteceu com a publicação de uma reportagem que contava com detalhes como os moradores das favelas deviam seguir as regras impostas pelo tráfico. O texto despertou o interesse do jornal *O Globo* online e da revista *Veja*, que reproduziram partes da matéria.

O mesmo aconteceria com outras reportagens, construídas com cautela para não identificar as pessoas e comunidades envolvidas. O portal começou a ser procurado por veículos nacionais e internacionais que reproduziram as notícias ou parte delas com os créditos para o Viva Favela. Muitos jornalistas entravam em contato buscando fontes e indicação de personagens para abordar o tema das guerras do tráfico.

Uma das principais parcerias com a grande mídia foi realizada com o jornal *O Dia*. Todos os sábados, o impresso publicava uma matéria do Viva Favela em um espaço nobre (metade da página 2). A página dava visibilidade ao leitor de baixa renda e fazia sucesso nas comunidades, onde os moradores costumavam recortar e colar as reportagens por todos os lados. Em 2003, entretanto, com a reforma gráfica do jornal, o espaço deixou de existir (RAMALHO: 2007, 146).

De acordo com Cristiane Ramalho, de alguma forma, o tempo atenuou a resistência dos correspondentes em fazer pautas sobre o crime ou a violência nas comunidades. Eles perceberam que o objetivo era não repetir a visão da grande mídia. Ao mesmo tempo, era importante ter em mente que aqueles assuntos não poderiam ser ignorados porque impactavam em toda a sociedade, embora importassem mais para uns do que para outros.

Com o passar do tempo e a consolidação do Viva Favela, foi possível perceber que seu público era muito diverso e que havia conquistado espaço entre três segmentos distintos: a favela, a academia³¹ e a mídia. Os conteúdos, portanto, precisavam se adequar a eles. Não era fácil, mas estava dando certo.

Ramalho diz que o Viva Favela exercia a função de uma rede virtual. “Ao interligar diversos segmentos da sociedade, o projeto começou a quebrar barreiras sociais e dar uma visibilidade inédita aos leitores de baixa renda”, afirma a autora. Muitas portas se abriram aos correspondentes através do projeto, alguns cursaram o ensino superior, outros participaram de concursos e abriram seu próprio negócio. Por outro lado, muitas reportagens trouxeram benefícios diretos para os entrevistados por meio de patrocínios e convites.

³¹ Além da repercussão na mídia, o Viva Favela também inspirou acadêmicos a estudarem o portal e as relações construídas nas comunidades; e fotógrafos que buscavam novos ângulos nas favelas cariocas.

Levando em consideração o conceito de rede virtual, o Viva Favela inspirou uma análise da professora Ilana Strozenberg, da Escola de Comunicação (ECO), da UFRJ. A partir do estudo realizado, a antropóloga identificou no projeto uma rede que atua como ponte entre as favelas e o asfalto, interligando segmentos da sociedade até então isolados. Para a pesquisadora, o portal impactou a forma como o jornalismo cobria as favelas. No entanto, constituiu-se apenas em uma iniciativa isolada. Em sua opinião, seria necessário, ainda, mudanças mais profundas para que essas conexões se tornassem efetivas.

Um estudo realizado por Carolina Andrade, que participava do grupo de pesquisa do Laboratório de Jornalismo, Antropologia e Cultura Oral da ECO/UFRJ, sob orientação de Strozenberg, mostra alguns dados reveladores sobre o Viva Favela. A aluna se dedicou a analisar o portal como fonte de informação e referência para a mídia tradicional e concluiu que, na maioria das vezes (84%), ela era a principal interessada em reproduzir as pautas do Viva Favela. Em apenas 16% dos casos, as pautas exerciam influência na imprensa comunitária ou institucional (RAMALHO: 2007, 190 e 191).

O Viva Favela influenciava, portanto, a mídia e isso ficava claro nas pontes realizadas pelo projeto entre jornalistas e correspondentes. Estes passaram a facilitar a comunicação entre a imprensa e os moradores, promovendo entrevistas e encontros. O portal seria reconhecido como uma experiência pioneira e inovadora para o jornalismo ao criar uma redação com moradores de favelas.

Numa cidade como o Rio de Janeiro, criar um veículo especializado em favela exige coragem e uma certa dose de loucura. Não há nada parecido na mídia tradicional, e as tentativas de rádios e jornais comunitários mostram que é difícil sobreviver nesse meio. (...) Além de ser elaborado para e pela favela, o portal era um produto do Terceiro Setor com todas as limitações e vantagens que isso significava. Pertencer a uma ONG tornava possível, por exemplo, experimentar uma nova forma de comunicação livre das amarras do jornalismo convencional (RAMALHO: 2007, 197)

O Viva Favela sofria com a falta de recursos próprios e era necessário incluir o portal em conversas com a direção do Viva Rio e com financiadores nacionais e estrangeiros da ONG. O Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento e o Department for International Development of Great Britain (DFID) apoiariam o projeto de forma direta ou indireta. A Petrobras seria a parceira mais leal e duradoura, permitindo

novos horizontes com recursos volumosos. Contudo, a cada ano o portal precisava buscar novas alternativas.

Em contrapartida, como citado acima, o fato do Viva Favela fazer parte do terceiro setor lhe dava mais liberdade e espaço para a experimentação. Ramalho diz que ali se exercitava uma mistura de liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Como não havia o compromisso com o lucro ou com patrocinadores e não existia a figura do “dono da empresa”, o portal oferecia aos correspondentes a oportunidade de se expressar de forma mais aberta e livre.

A política editorial precisava dar conta do desafio de não tratar a favela de forma paternalista, procurando apresentar diferentes pontos de vista. O Viva Favela mantinha sua independência editorial do Viva Rio e chegou, inclusive, a publicar matérias nas quais se mostrava uma realidade diferente daquela pregada pela ONG. O que poderia gerar conflitos, acabou repercutindo na mídia paralelamente ao Viva Rio, sem que suas causas e ações fossem questionadas.

Livre da lógica de mercado, o Viva Favela podia buscar o que acreditava ser de “interesse coletivo” e colocar em prática sua responsabilidade social, mesmo com todas as limitações. Sempre tentava pautar o que era “notícia”, sem perder de vista o objetivo de desconstruir a imagem preconceituosa e superficial que a sociedade tantas vezes faz das favelas (RAMALHO: 2007, 283).

A equipe de correspondentes e jornalistas profissionais passaria, no entanto, por transformações a partir de 2005. Com a redução dos financiamentos e a derrota do “sim” no referendo sobre o desarmamento no Brasil³², a ONG começou a se repensar e, de alguma forma, isso repercutiria no Viva Favela. Houve uma redução significativa no número de jornalistas e os correspondentes deixaram de ter um salário fixo para ganhar por produção.

A partir desse momento, a atualização do portal reduziu o ritmo, mas a qualidade dos conteúdos foi preservada, embora a equipe estivesse limitada apenas aos correspondentes e às editoras de fotografia e texto. Alguns redatores abandonaram o projeto porque era sua única fonte de renda. O Viva Favela teria de buscar outras

³² Em outubro de 2005, foi realizado um referendo no qual quase dois terços dos eleitores disseram “não” à proibição do comércio de armas de fogo e munição no Brasil. O desarmamento é uma das causas defendidas pelo Viva Rio.

alternativas. No ano seguinte, em 2006, já tinha uma equipe de correspondentes novos e que precisaria se rearticular.

Mesmo em meio à crise, a lógica de produção do Viva Favela se manteria nos moldes tradicionais, como em uma redação de veículos impressos, com reuniões de pauta, apuração e reportagem, com a posterior edição dos textos. Essa dinâmica se manteve até 2010, quando foi lançada a nova plataforma de atuação do portal, o Viva Favela 2.0 (<http://www.vivafavela.com.br/>). O projeto inaugurou sua versão colaborativa, ampliando sua abrangência para todo o Brasil e possibilitando a utilização de conteúdos em áudio e vídeo³³. A versão 1.0 continua disponível na internet em forma de acervo e ainda são oferecidas oficinas de capacitação dos correspondentes comunitários, divulgadas no site atual. De qualquer forma, a mudança alterou todo o processo produtivo e sua organização.

Hoje, o Viva Favela conta com uma equipe interna que coordena o portal e faz a mediação dos conteúdos, mas já não possui uma estrutura de redação. É possível identificar algumas características de uma rede social colaborativa na versão 2.0. Qualquer pessoa pode enviar conteúdos em áudio, vídeo ou texto mediante um cadastro. A rede virtual, segundo dados do próprio site, articula mais de 1,7 mil usuários cadastrados, embora apenas cerca de 200 correspondentes possam ser considerados interagentes ativos, que produzem e compartilham informações.

O Viva Favela também possui uma revista virtual bimestral e temática, cujo funcionamento é diferente do restante do portal. Há uma reunião de pauta, também virtual, com os correspondentes que tem ideias ou interesse em participar da edição. Aqueles que contribuem com a revista são remunerados e orientados por um editor convidado. As edições são enviadas a cerca de 15 mil assinantes. O presente trabalho, todavia, concentra sua análise nas matérias publicadas no portal e desvinculadas da revista.

De acordo com a editora web do projeto, Tsai Yi Jing, o site é totalmente aberto a contribuições. A equipe não utiliza filtros para selecionar o que será ou não publicado, a mediação ocorre depois que o conteúdo vai ao ar. É realizada uma edição e revisão para identificar erros de ortografia e formatação e corrigi-los. Outra situação em que é necessário intervir é quando o correspondente faz uma postagem em uma seção errada, coloca a informação sobre um evento em “Matérias”, mas o espaço mais adequado seria “Agenda”, por exemplo. É feita a alteração e o colaborador é avisado por e-mail.

³³ Disponível em <http://www.vivafavela.com.br/acervo>. Acesso em 16 de janeiro de 2013.

Como dito anteriormente, não são realizadas reuniões de pauta e os assuntos são livres. Alguns correspondentes, entretanto, buscam a equipe do portal, principalmente através de suas redes sociais, para conversar sobre o que estão pensando em escrever. Yi Jing afirma que procura manter contato com esses cidadãos repórteres e acompanhar suas produções, mas a maior parte das colaborações acontece de forma independente (JING: 2013)³⁴.

Essa liberdade, entretanto, perpassa uma política editorial bastante clara, que firma diretrizes a serem observadas pelos colaboradores. É recomendado que os correspondentes produzam conteúdos sobre suas próprias comunidades ou locais que conheçam bem para que os assuntos sejam tratados com intimidade.

O Viva Favela é um espaço democrático para a difusão de conteúdos com foco nas comunidades de baixa renda do Brasil. Isso significa que o site tem uma linha temática que o atravessa. Favelas, periferias e bairros populares em geral: tudo o que acontece nessas áreas é interessante para o Viva Favela. E assuntos que interessam a pessoas que vivem nessas comunidades também – desde que esteja clara esta relação³⁵.

Além disso, fica claro que o portal se apresenta disponível para que as pessoas entrem em contato e possam garantir a qualidade de seus textos e uma comunicação ampla e eficaz. O que se observa são muitos perfis inativos, como já mencionado. Yi Jing diz que esses usuários são chamados de seguidores, enquanto aqueles que já contribuíram são os correspondentes comunitários de fato. “Esse cenário é bem típico em sites colaborativos, pois existem usuários que apenas criam a conta e depois esquecem que tem cadastro lá”, afirma a editora web (JING: 2013).

São recebidas, em média, 80 colaborações mensais. Dentre elas, estão conteúdos assinados pelo Viva Favela, que podem ser matérias da equipe interna do projeto ou assuntos que têm caráter institucional. Dada a pluralidade de perfis cadastrados no Viva Favela, onde se encontram jornalistas, estudantes e pessoas sem qualquer formação, os textos são muito diversos. Por isso, Yi Jing avalia as colaborações como muito singulares. “O conteúdo pode ser fraco, mas você vê que o correspondente tem vontade de escrever, de participar e contribuir. Quando necessário, procuro dar uma melhorada no texto, mas

³⁴ Entrevista na íntegra disponível no anexo 1.

³⁵ Disponível em <http://vivafavela.com.br/politica-editorial>. Acesso em 16 de janeiro de 2013.

sempre respeitando as características textuais, sem fugir do estilo dele”, conta (JING: 2013).

Desde a versão 1.0, o Viva Favela já funcionava sob a lógica de uma plataforma colaborativa, onde seu grupo de redatores era formado, principalmente, por pessoas sem qualquer formação jornalística. A segunda fase do projeto, entretanto, propõe moldes mais abertos à colaboração a partir do momento em que o portal se estrutura no formato de rede social, com perfis e usuários. Entretanto, a característica que mais chama a atenção é a existência de uma mediação flexível. O editor não atua como em uma redação, mas trabalha como um moderador. Ele assume uma certa distância, não influencia diretamente no processo produtivo e nem na publicação de conteúdos.

Esse modelo de organização, influencia, em alguma medida, não só a produção dos textos, mas também o conteúdo em si e a forma como ele é apresentado ao público. A análise de como isso ocorre pode ser observada no próximo capítulo.

5. ANÁLISE COMPARATIVA

A mudança para uma plataforma mais aberta à colaboração e baseada nos princípios da Web 2.0 sugere uma reestruturação do portal Viva Favela que altera, de alguma forma, não apenas o processo de produção, mas a própria estrutura dos conteúdos apresentados aos leitores. Para entender de que maneira isso ocorre, foi realizada uma análise comparativa entre matérias publicadas nas versões 1.0 e 2.0.

5.1 Viva Favela 1.0 x 2.0

Com o objetivo de identificar as principais características de cada portal, foi selecionado um *corpus* que compreende as matérias publicadas nos meses de outubro e novembro dos anos de 2003 e 2012, dois anos após a implementação das versões 1.0 e 2.0, respectivamente. Considera-se que depois de alguns anos no ar, as plataformas já teriam alguma maturidade e, além disso, as equipes antiga e atual já saberiam como lidar com os dispositivos e se relacionar com os correspondentes.

Nesse primeiro momento, foram analisadas questões mais genéricas, como temáticas, autoria dos textos, componentes midiáticos e interatividade. Os pontos de vista da estrutura textual, apuração e redação serão apresentados na segunda parte deste capítulo. Aqui a finalidade é traçar um perfil de cada portal, ressaltando aproximações e afastamentos entre eles.

Quantitativamente, a produção de textos do Viva Favela 1.0 supera a versão 2.0. Enquanto na primeira foram identificadas 49 matérias publicadas no período de dois meses, na segunda esse número é bastante reduzido, são apenas 21. Dentro dessa amostra, nove correspondentes produziram 36 matérias para o primeiro portal e 15 textos foram escritos por cinco membros da redação³⁶. No site atual, 19 matérias foram publicadas por 13 correspondentes comunitários e apenas duas são de integrantes da equipe interna do

³⁶ Há, ainda, nove publicações de receitas, escritas pela equipe de redação do Viva Favela 1.0. Esses textos foram excluídos da análise em questão porque entende-se que eles não pressupõem conhecimentos jornalísticos. Além disso, também foram desconsideradas cinco publicações que correspondem a chamadas para outros sites anexos do Viva Favela, como o Favela tem Memória, Beleza Pura e EcoPop.

projeto. Do total de conteúdos, duas reportagens são cópias fiéis de matérias publicadas em outros veículos de comunicação³⁷ (ver anexo 2).

Esses dados demonstram que as potencialidades de uma plataforma 2.0 talvez não sejam exploradas em sua totalidade. A quantidade de colaborações é visivelmente menor, embora mais pessoas atuem como correspondentes. Não há, todavia, um vínculo que as mantenha como participantes regulares; dos 13 perfis que colaboraram no período de dois meses analisados, apenas três produziram mais de um conteúdo. No primeiro portal, a média é de quatro a cinco publicações por colaborador³⁸.

Como mencionado no capítulo anterior, o Viva Favela possui muitos perfis sem qualquer colaboração. De acordo com Viktor Chagas, coordenador editorial do projeto, essa é uma estatística muito comum em sites colaborativos. “Geralmente, temos uma média de 1% a 5% de colaboradores ativos para um total de cadastrados. Nós contabilizamos, por isso, os cadastrados (que hoje são cerca de 2,5 mil) de forma distinta dos correspondentes, que são cerca de 300”, explica (CHAGAS, 2013)³⁹.

Seria possível explicar essas características levando em consideração que, na primeira fase do Viva Favela, as pessoas possuíam alguns estímulos, como as reuniões de pauta, que os motivavam a buscar personagens e entender as dinâmicas da sua comunidade, e a remuneração, que, em alguns casos, era determinante na renda familiar. Hoje, as colaborações são totalmente voluntárias. Quando alguém quer compartilhar uma informação, acessa o portal e publica o conteúdo.

Talvez resida nesse fato a justificativa para as cópias encontradas no objeto de análise. Como em uma rede social na qual se compartilha links, textos ou fotos, ao se depararem com conteúdos que consideram interessantes, os interagentes os replicam no Viva Favela. De fato, esse é um aspecto que merece atenção da equipe do portal, já que as cópias não citam as fontes de onde foram retiradas. Foi possível localizá-las apenas pelo estilo de texto e uma rápida pesquisa na internet.

³⁷ Na amostra do Viva Favela 2.0, foram identificadas nove matérias de outubro produzidas para a Revista Multimídia do portal e, portanto, não foram consideradas nesta pesquisa. Cinco, das 19 publicações feitas na versão 2.0, são de um perfil intitulado Projeto Paralelo Comunicação, que se define como assessoria de comunicação para projetos culturais. Já as cópias são aqui reportadas, mas desconsideradas para fins de análise.

³⁸ É importante ressaltar que os mesmos correspondentes 1.0 atuavam nos sites-filhos do Viva Favela, o que indica que essa produção era maior que o espectro aqui analisado.

³⁹ Entrevista na íntegra disponível no anexo 1.

Do ponto de vista das temáticas abordadas, nas duas versões predominam as pautas sobre cultura. Outros temas que aparecem com frequência no primeiro portal são economia e comportamento. No segundo, as colaborações são muito diversas e, no período em questão, não houve outro assunto com tanto destaque. Assim, reafirma-se o que foi exposto no capítulo anterior: os correspondentes priorizam a divulgação de informações que se afastam dos estigmas que suas comunidades carregam. O Viva Favela oferece, portanto, a oportunidade de mostrar o outro lado da história, ao dar voz aos seus moradores.

Segundo a correspondente Thamyra de Araújo, o que a motiva a contribuir com o portal é justamente essa característica. “Gosto de uma plataforma que procura dar visibilidade às vivências culturais dentro de espaços como a favela. No Viva Favela a notícia é de dentro para fora”, afirma (ARAÚJO, 2013)⁴⁰.

Para Baroni, Aguiar e Rodrigues, o jornalismo participativo trouxe, justamente, essa possibilidade, criou uma atmosfera que permite aos moradores de favelas e periferias exercer a prática jornalística ao lhes dar o “poder” da voz. Os autores acreditam que o Viva Favela, ao acompanhar o cotidiano dessas localidades, pode produzir representações sobre elas, mas sempre sob a perspectiva de quem vive naquele meio (BARONI *et al*: 2011)⁴¹.

Na amostragem selecionada é possível identificar como se dá a autoria dos textos publicados em ambos os portais. No primeiro, funciona a dinâmica apresentada anteriormente, na página principal aparece apenas o nome do correspondente responsável pelo conteúdo, acompanhado de um asterisco, e na página interna é indicado o nome do jornalista responsável pela edição.

Na versão 2.0, os textos são assinados pelos próprios correspondentes, no formato de um apelido. Em sua maioria utilizam o próprio nome, mas em alguns casos se vê a combinação de nome e sobrenome. Ao clicar no nome do autor dos textos tem-se acesso ao seu perfil, com nome completo, redes sociais, uma breve descrição (“Sobre mim”) e as últimas colaborações feitas pelo usuário com esse cadastro. Outro ponto que merece destaque é o fato de que em ambos os portais a comunidade onde vive o correspondente aparecer ao lado da sua assinatura (ou apelido), localizando-o e, de certa forma, legitimando as informações sobre o local e que são publicadas por ele.

⁴⁰ Entrevista na íntegra disponível no anexo 1.

⁴¹ BARONI, Alice, AGUIAR, Leonel e RODRIGUES, Felipe. **Novas configurações discursivas no jornalismo: narrativas digitais nas favelas do Rio de Janeiro.** Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-16.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

A maior diferenciação entre as duas fases do Viva Favela está na interatividade. Enquanto no primeiro portal as matérias ficam estanques, no segundo, a plataforma permite diferentes graus de interação. Na versão 1.0, a única possibilidade de contato entre leitores e produtores estava na disponibilização dos e-mails dos colaboradores. Hoje, não é possível fazer a comunicação via e-mail, mas todas as publicações são abertas a comentários, podem ser compartilhadas por e-mail, Facebook, Twitter e Orkut. Os correspondentes comunitários podem se relacionar com os leitores por meio dos comentários ou através das redes sociais.

A plataforma atual também possibilita que os leitores votem nas matérias que mais lhe agradam, o que só pode ser feito mediante cadastro. O sistema utilizado é semelhante ao do Overmundo. Na página inicial do site são sempre exibidos um texto, um vídeo, uma galeria de imagens e um áudio que tiveram destaque recentemente, de acordo com os votos que receberam. Depois de um período determinado, esses conteúdos são substituídos por outros, segundo mais votados. Mesmo que um conteúdo apresente um número reduzido de votos, ele pode aparecer na página principal do Viva Favela caso tenha sido o mais votado daquela seção nos últimos dias⁴².

Embora, o site atual ofereça a possibilidade de envio de conteúdos multimídia, fotos, vídeos e áudios, isso ocorre em apenas cerca de 50% dos textos. Já na versão antiga, todas as matérias são ilustradas com fotos. Essa é uma contradição que se pode encontrar ao comparar as duas versões do portal. Uma possível razão para isso pode ser o fato do site atual se dividir em seções específicas, nas quais são publicados apenas imagens, áudios ou vídeos. No entanto, fica claro que a produção de conteúdos não leva em conta as possibilidades oferecidas pela plataforma.

É difícil comparar, pois são dois modelos diferentes. Há virtudes e desvirtudes em cada um deles. Mas uma coisa é possível afirmar: a adoção do modelo colaborativo possibilitou ao Viva Favela expandir de forma decisiva seu raio de ação do Rio para o Brasil, ampliando uma base de correspondentes que antes era fixa, em torno de 20 membros da equipe, para cerca de 300 componentes atualmente em nossa rede. Isso foi, sem dúvida, um grande passo (CHAGAS, 2013)⁴³.

⁴² Disponível em <http://www.vivafavela.com.br/como-funciona>. Acesso em 30 de outubro de 2012.

⁴³ Entrevista na íntegra disponível no anexo 1.

Apesar das melhorias e avanços que uma plataforma colaborativa pode oferecer, os recursos midiáticos que ela dispõe não são, necessariamente, determinantes para se considerar um portal melhor ou pior que outro. Algumas mudanças podem ser benéficas, mas outras podem constituir retrocessos.

5.2 Viva Favela e a produção de sentidos

Como Verón sugere, a análise aqui realizada não se limita aos conteúdos das matérias publicadas nas versões 1.0 e 2.0 do Viva Favela, mas se expande para a estrutura dos textos, procurando entender como se dá a produção de sentidos. Vale ressaltar que o presente trabalho não tem como objetivo estudar todo o processo de significação, limita-se à análise de sua construção e significação e não chega ao estudo da recepção dos conteúdos pela audiência.

A Teoria da Enunciação, como dito no segundo capítulo, observa os dois momentos do processo comunicativo, produção e recepção. Foi realizada, contudo, a pesquisa de um *corpus* para compreender como se dá a produção de informações no portal em análise, mas a recepção e reconhecimento das mesmas não foram considerados. Estuda-se, portanto, a enunciação em si, como ela é estruturada e não os seus efeitos.

Tendo como ponto de partida a abordagem proposta por Eliseo Verón, a análise utiliza como metodologia três etapas. A partir de uma amostra, primeiro são observadas as regularidades de cada texto, características que se repetem e o definem, o que é feito com conteúdos das versões 1.0 e 2.0 do Viva Favela. Depois, os dois suportes serão comparados, indicando semelhanças e diferenças, apresentando suas especificidades. Ao final, são traçadas as configurações gerais de cada um deles, de modo a compreender a produção de sentido de ambos e seus contratos de leitura (VERÓN: 2004, 234).

Foram selecionadas quatro matérias publicadas em cada um dos portais, considerado o período estudado na primeira parte deste capítulo, os meses de outubro e novembro dos anos de 2003 e 2004. São contempladas diferentes editorias com a finalidade de ir ao encontro de mais uma observação feita por Verón, que diz que as singularidades de um dispositivo podem ser identificadas mesmo ao se analisar temáticas diversas (VERÓN: 1985).

Do Viva Favela 1.0 foram destacadas as matérias “Plantando o futuro” e “Festa na floresta”, da correspondente Begha Lindemberg, de Ramos; “Dor que não passa”, de

Dayse Lara, da Cidade de Deus; e “Vivendo de bico”, de Rita de Cássia Pinto, do Cantagalo. Os quatro textos contaram com o apoio e edição da Vilma Romero, da redação do portal (ver anexo 3).

Dentro dessa amostra, pode-se destacar algumas características dos discursos que poderão definir o perfil do dispositivo midiático. Em todos os conteúdos, embora sejam escritos em terceira pessoa, o que pressupõe um certo afastamento entre locutor e interlocutor, percebe-se o envolvimento dos enunciadoreis no enunciado. Os correspondentes escrevem, principalmente, sobre suas próprias comunidades, o que lhes confere uma maior aproximação dos conteúdos abordados e até com as fontes consultadas.

Nas reportagens “Dor que não passa” e “Vivendo de bico”, a subjetividade fica clara com o uso de expressões que sugerem informalidade e a tentativa de tornar esses textos o mais próximos possível da realidade dos leitores. No primeiro, é narrado o drama de uma menina de 18 anos que perdeu a mãe vítima de uma bala perdida durante troca de tiros entre traficantes e policiais na favela. “Na Cidade de Deus, não é só a família que sente a perda de Clarisse. A vizinhança toda lamenta”, escreve a correspondente, também moradora dessa comunidade. Há, portanto, um envolvimento.

Já no final da matéria, Dayse Lara escreve: “A tragédia aumentou ainda mais a sua convicção de que é preciso lutar pelo desarmamento”. Nesse trecho pode-se identificar que a locutora é a favor dessa causa, além de estar inserida no meio em que a pessoa foi vítima da violência. Vale ressaltar, ainda, que essa é uma das principais bandeiras defendidas pelo Viva Rio, ONG da qual surgiu o Viva Favela.

Em “Vivendo de bico”, a terceira pessoa perpassa todo o texto, mas o uso de termos informais é recorrente. “Essa *turma* não tem medo de *pegar no pesado*”, “uma blitz da prefeitura tirou *todo mundo* do lugar”, “andando *de lá pra cá* com seu carrinho”, “*cria* do Cantagalo”, são alguns exemplos de escolhas gramaticais e de vocabulário que não ferem o conteúdo, mas, ao contrário, lhe conferem um tom mais local e diferente do utilizado pela mídia tradicional. Rita de Cássia Pinto utiliza-se de uma linguagem coloquial que se assemelha à dos entrevistados. É uma “voz de dentro”, assim como seus personagens.

Nas quatro matérias, são utilizadas muitas aspas, o que proporciona mais leveza e veracidade aos textos. Os personagens são, em sua maioria, moradores da comunidade que estão participando de um evento ou projeto, ou perfis que se enquadram no tema abordado. Em todas elas são entrevistadas, no mínimo, duas pessoas, o que sugere um cuidado com a apuração das informações a serem publicadas.

A polifonia se estabelece na medida em que são apresentadas essas falas, mas, principalmente, no que diz respeito às experiências e bagagens dos locutores que investem significados às reportagens. O enunciador se coloca nos textos através de sua vivência como morador de favela e as perspectivas que vê sobre os assuntos tratados.

Do Viva Favela 2.0 foram selecionadas as publicações “Mais 100 nomes na lista de mortos”, da correspondente Dinha, moradora do Parque Bistrol, em São Paulo; “Teatro Mário Lago recebe equipe de reportagem do Jornal Extra”, de Guilherme Júnior, da Vila Kennedy, no Rio de Janeiro; “O pecado não está no funk, mas nos abusos”, de Zé Mendonça, da Zona Leste de São Paulo; e “As damas de Irajá”, de Marcos Nascimento, de Irajá, no Rio (ver anexo 3).

Nessa amostra, a característica que mais se destaca é a subjetividade imposta pelo uso da primeira pessoa, seja sob a forma de crítica social ou crônica. No texto “Mais 100 nomes na lista de mortos”, a correspondente mescla o uso da terceira e primeira pessoas do discurso, nesta ordem. Primeiro cita uma notícia veiculada na mídia e depois se coloca como cidadã e moradora de uma comunidade a respeito do assunto, a maior atenção dada pelo Estado à morte de policiais enquanto há muitos civis vítimas da violência que não são lembrados.

O mesmo pode ser observado na matéria “O pecado não é o funk, mas seus abusos”. O conteúdo é totalmente baseado em outro artigo publicado em um blog que não foi citado e utiliza-se de suas informações e trechos de entrevistas. O locutor dialoga com os dados ali colocados como um cidadão que concorda com o que foi apurado, mas, principalmente, como um morador da zona leste de São Paulo que assiste aos fatos ali colocados.

Nessa reportagem, Zé Mendonça fala das restrições impostas ao funk na comunidade e conta que menores são levadas durante a madrugada para casas de festa na zona central da cidade, onde o ritmo é permitido. O correspondente utiliza alguns termos que mostram sua indignação e envolvimento com o tema: “*contraditoriamente*, as moças voltam para os seus bairros”; “*não basta mais* olhar apenas para o desconforto”; “*nem mesmo* a já sabida estória”.

A pessoalidade demarcada pela escolha gramatical também está presente na matéria de Dinha (“Mais 100 nomes na lista de mortos”), em especial quando ela emprega a primeira pessoa. “*Aproveito a deixa* para lembrar ao Senhor Ministro de que não foram apenas os policiais”; “*não tenho* intenção nenhuma”; “*gostaria de lembrar* às autoridades”.

Ao mesmo tempo em que a autora se coloca como personagem, cobra respostas aos governantes.

Dos quatro conteúdos analisados, apenas “Teatro Mário Lago recebe equipe de reportagem do Jornal Extra” possui caráter mais jornalístico, com informações precisas – o que, como, quando e onde – que compõem o lead. O texto consiste em um relato em formato de notícia, que se utiliza apenas da terceira pessoa para dar o tom de prestação de serviço à comunidade.

Nas publicações “As damas de Irajá” e “Mais 100 nomes na lista de mortos” podem ser identificados outros gêneros textuais, crônica e poesia, respectivamente. No primeiro, o correspondente cria uma história para escrever o perfil de uma antiga moradora do bairro da periferia carioca onde mora. O uso recorrente de adjetivos e descrições são as principais marcas discursivas, além da primeira pessoa, que demonstra a proximidade entre locutor e personagem. “Porte altivo, elegante de gestos e no vestir apesar da simplicidade das roupas”; “*despeço-me* de Sueli, *desço* as escadas, *olho* para sua janela e a *vejo* acenando”, são alguns exemplos dessas características.

Na poesia apresentada, Dinha mostra, mais uma vez, sua indignação e tristeza diante do tema abordado anteriormente na mesma publicação. Vê-se que ela emprega três recursos distintos para se colocar e promover reações dos leitores. A princípio cita uma notícia, depois opina a respeito com experiências pessoais e finaliza com o poema.

Ao comparar as amostras das versões 1.0 e 2.0 do Viva Favela, pode-se depreender que as duas se aproximam, do ponto de vista estrutural e de produção de conteúdos, em dois aspectos principais. Todas as matérias têm como pano de fundo a subjetividade do locutor e a escolha de termos, expressões gramaticais ou vocabulares que demarcam esse posicionamento.

Como colocado anteriormente, o fato dos correspondentes estarem inseridos nas comunidades das quais falam em seus textos, produz uma polifonia que não se esgota nas fontes consultadas, mas prescinde da bagagem de quem vive aquela realidade. Como dito no segundo capítulo, Bakhtin considerava de suma importância que a análise dos discursos passasse pelas condições de produção, o meio e as ideologias do ambiente no qual se inscrevem.

O que se vê é que o ambiente das favelas, comunidades e periferias não se limita a personagens e leitores. Os correspondentes, em maior ou menor grau, se envolvem com o conteúdo que tecem e não podem se afastar o suficiente para que não haja qualquer marca

discursiva que o aponte como parte daquele enredo. Verón aponta que os componentes gramaticais exercem um papel fundamental nesse processo.

Pronomes, conjunções e outros termos ganham significado e subjetividade ao serem inseridos nos conteúdos. Eles demarcam o tom que o enunciador quer dar para seu interlocutor, como deseja que aquelas informações sejam percebidas e compreendidas e, em certa medida, como ele próprio as vê.

O primeiro portal Viva Favela e o atual divergem quando se observa a composição das publicações de forma mais ampla. É possível identificar que a versão 1.0 tem como marca um maior rigor textual, seja pela apuração e linguagem jornalística ou pelo cuidado em buscar personagens diversos e suas falas serem um componente indispensável aos conteúdos. O que se observa é a preocupação em informar com riqueza de detalhes, embora sua linguagem seja muito simples, há um aprofundamento nos temas.

Essa característica pode ser explicada pela organização da equipe em uma redação, como em um jornal. A própria rotina de trabalho com reuniões de pauta, definição de personagens a serem entrevistados, prazos para entrega e revisão dos conteúdos, acaba por modelar os textos, seu perfil. Havia uma equipe, um trabalho em conjunto que culminava em uma unidade, uma estrutura que perpassa praticamente todas as publicações.

Na versão 2.0, ao contrário, o que se vê é o oposto, a liberdade de publicação e o trabalho totalmente voluntário dá às matérias formatos muito diferentes. Na amostra em questão, não se pode traçar um perfil da estrutura adotada pelo site, fica claro que esse aspecto é tido como livre e aberto a experimentações. As pessoas podem colaborar da maneira que preferirem, seja com textos mais impessoais ou crônicas, desde que seja respeitada a política editorial e o foco do projeto.

O portal totalmente colaborativo abre a possibilidade dos correspondentes se expressarem sem as “amarras” de uma redação jornalística. Além de não serem exigidos conhecimentos técnicos, abre-se espaço para falar das favelas, de dentro delas, seguindo a estrutura que preferirem. O Viva Favela, então, se coloca como um local onde convergem produções diferentes, mas com o mesmo pano de fundo, comunidades e periferias.

Pode-se dizer que os contratos de leitura, enquanto responsáveis pelo vínculo entre suportes e leitores, se assemelham nos dois portais. O que fideliza o público são os textos pessoais e com uma subjetividade que pode ser sutil, mas perceptível diante da audiência. Moradores dessas localidades se identificam com os assuntos e a abordagem dada a eles nas matérias.

O contrato de leitura do Viva Favela 1.0 tem como principal atrativo os textos bastante elaborados e ricos em informações. Além disso, as falas dos entrevistados chamam a atenção do leitor que dá maior atenção e credibilidade ao que lê. Não são apenas os correspondentes, mas a comunidade em si que tem sua voz divulgada as reportagens.

No Viva Favela 2.0, o contrato de leitura é demarcado pela liberdade de colaboração. O site participativo convida as pessoas que têm interesse em falar de suas comunidades de uma maneira diferente e pessoal. Elas são atraídas pela oportunidade de expressar o que sentem sobre assuntos polêmicos ou até exaltar características locais que o “asfalto” talvez não conheça.

Mais uma vez, a interatividade se apresenta como um aspecto primordial da Web 2.0 e dos portais de jornalismo colaborativo. A criação livre, comentários e votações nas matérias do Viva Favela dão dinamismo à plataforma e fazem com que o público veja nesses mecanismos algo que os inclua na produção e discussão de temas do seu meio e convívio.

Os contratos de leitura das duas versões do Viva Favela, entretanto, têm como característica primordial o investimento que os enunciadores fazem na significação dos conteúdos. O elo e a fidelidade dos leitores se constroem com base no diferencial que marcava o surgimento do site desde o início do projeto: a escolha de correspondentes das favelas como redatores. Eles não só conhecem de perto o universo do qual escrevem, como podem, através dos textos, alcançar o público de uma maneira particular e específica.

6. CONCLUSÃO

Diante das análises apresentadas no último capítulo deste trabalho, é possível depreender deste estudo que os portais Viva Favela 1.0 e 2.0 têm aspectos diferenciadores entre eles fundamentais, mas, mesmo assim, ainda dialogam e possuem pontos de interseção. A interatividade aparece como principal característica da nova versão e diferenciadora da atual fase do projeto.

No primeiro site, a produção de conteúdos estava sujeita à lógica de uma redação jornalística, com reuniões de pauta, apuração e edição das matérias. As reportagens analisadas demonstram que os textos sugerem uma apuração cuidadosa com a consulta a diferentes fontes, uso de aspas e detalhes que transportam o leitor para a situação narrada. Além disso, o papel desempenhado pela equipe de redação permite uma “amarração” das informações veiculadas que culmina em uma linearidade e regularidade no formato dos conteúdos.

Já na versão 2.0, o que se vê são matérias mais soltas, livres do rigor de uma redação. O caráter voluntário das colaborações e a ausência de uma rotina de produção dão mais abertura para que os correspondentes criem e se coloquem nos textos de modo mais claro. Além disso, a interação que a plataforma oferece permite que os leitores também participem, seja através de votos ou do compartilhamento nas redes sociais.

Os contratos de leitura, entendidos como o vínculo entre os dispositivos de comunicação e os interlocutores, se estabelecem de forma semelhante. O diferencial do Viva Favela reside no fato de que a autoria das reportagens se concentra em moradores de favelas e periferias. Essas pessoas, embora não possuam conhecimentos técnicos de jornalismo, investem sua subjetividade no texto, o que pode ser identificado através da escolha de componentes gramaticais. O uso da primeira pessoa e de palavras que indicam o senso de justiça e crítica social revela o quanto os enunciadores estão próximos da realidade da qual falam. Essa característica legitima suas matérias e atrai os leitores.

Esta pesquisa, todavia, não se esgota na análise da significação aqui proposta. A Análise do Discurso também propõe o estudo da recepção, buscando analisar de que forma o público recebe os discursos, o que consiste em um ponto de vista interessante a ser tratado em pesquisas futuras.

Além disso, é possível notar que, de fato, a abordagem proposta pelo Viva Favela difere do que se vê na grande mídia. Apesar das tentativas de divulgação de um lado mais

positivo das favelas e periferias brasileiras, o estigma da violência ainda persiste na maioria dos veículos de comunicação. Como foi apresentado neste trabalho, o projeto do Viva Rio chegou a pautar a mídia tradicional, alcançando seu objetivo inicial. Entretanto, alguns preconceitos e limitações continuam.

Esta pesquisa pode ser estendida para além do Viva Favela, de modo a procurar compreender como essas representações sociais ocorrem no portal e no *mainstream* jornalístico. As diferenças existem, mas seria de suma importância elucidá-las e propor caminhos que indiquem possíveis mudanças de paradigmas.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARONI, Alice, AGUIAR, Leonel e RODRIGUES, Felipe. **Novas configurações discursivas no jornalismo: narrativas digitais nas favelas do Rio de Janeiro**. Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-16.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BRAMBILLA, Ana Maria. **A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/reconfig.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.
- CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web**. In: I Congresso Ibérico de Comunicação, maio de 2001, Málaga.
- _____. **Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/> Acesso em setembro de 2010.
- BOWNMAN, Shayne e WILLIS, Chris **Nosotros, El medio. Cómo las audiencias están modelando el futuro de las noticias y de la información**. The Media Center at American Press Institute. Colômbia: Casa Editorial El Tiempo, 2003.
- DOCTOR, Ken. **Newsonomics**. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.
- DORIA, Pedro. **O futuro é logo ali in RODRIGUES, Carla (Org.). Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.
- LANDOWSKI, Eric. **A Sociedade Refletida: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Pontes, 1992.
- MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios da internet: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2015-1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.
- MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na Web**. In: MACHADO, Elias, PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital.

Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2003.htm>. Acesso em 20 de dezembro de 2012.

OLIVEIRA, Caroline Farinazzo e GLANZMAN, José Honório. **Jornalismo na era da Web 2.0**. Disponível em http://web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/cesrevista/edicoes/2010/06_COMUNICACAO_jornalismonaeradaweb.pdf Acesso em 28 de novembro de 2012.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0**. Disponível em <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> Acesso em 20 de novembro de 2012.

PALACIOS, Marcos e NOCI, Javier Díaz. **Ciberperiodismo: Métodos de Investigación**. Salvador. 2007.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira e TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjournal.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

RAMALHO, Cristiane. **Notícias da Favela**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

_____. **Redes Sociais no Ciberespaço: Uma proposta de estudo**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0096-1.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

_____. **A internet e a nova revolução na comunicação mundial**. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/revolucao.htm> Acesso em 30 de outubro de 2012.

SALAVERRÍA, Ramón. **De la pirámide invertida al hipertexto**. Disponível em <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> Acesso em 20 de dezembro de 2012.

SBARAI, Rafael. **A definição da participação dos cidadãos nos modelos colaborativos jornalísticos na web.** In: II Simpósio Nacional ABCiber, 16, 17 e 18 de novembro de 2009, São Paulo.

SCHMITT, Valdenise, OLIVEIRA, Leonardo Gomes de e FIALHO, Francisco AntonioPereira. **Jornalismo 2.0: a cultura da colaboração no Jornalismo.** Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/305/309> Acesso em 28 de novembro de 2012.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **Jornalismo e interatividade na Web 2.0: a produção de conteúdo pelo público em redes digitais.** Disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Jornalismo_e_interatividade_na_web_2.0%3B_a_produ%C3%A7%C3%A3o_de_conte%C3%BAdo_pelo_p%C3%BAblico_em_redes_digitais Acesso em 28 de novembro de 2012.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** 1ª edição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

_____. “L’Analyse do ‘Contrat de Lecture’: une nouvelle methode pour les etudes de positionnement des supports presse”. In *Les Médias - Expériences, Recherches Actuelles, Applications*. Paris: IREP, juillet-1985.

VIEIRA, Helize de Souza e CAPOBIANCO, Janaína Cristina Marques. **A produção em tempo de convergência: a web 2.0 e o webjornalismo participativo.** Disponível em <http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt18/ComunicacaoOral/HELIZE%20DE%20SOUZA%20VIEIRA.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2012.

Websites

<http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>

<http://www.vivafavela.com.br/>

ANEXO 1

Entrevistas

Viktor Chagas

Coordenador editorial do Viva Favela 2.0

1- Como funciona a equipe interna do Viva Favela? Como vocês se subdividem? Ainda existe uma redação, como havia no início do projeto?

A Equipe Viva Favela é composta por aproximadamente dez membros, entre funcionários dedicados ao projeto, funcionários do Viva Rio e estagiários. Nós operamos com parte da equipe trabalhando em coberturas, parte trabalhando remotamente e uma parte atuando diretamente da própria Redação do Viva Favela. Chamamos o espaço de Redação por herança do modelo anterior, mas hoje não temos propriamente uma equipe de repórteres, apenas alguns membros da equipe editorial que trabalham na produção de conteúdos informativos próprios.

Temos uma divisão interna que nos leva a uma equipe de coordenação/gestão do projeto, uma equipe editorial e uma equipe de audiovisual, responsável por coberturas de foto e vídeo.

2- Como é feita a edição e seleção das matérias que vão ao ar? Esse processo é anterior à publicação ou o próprio colaborador já publica o conteúdo e depois vocês fazem a mediação?

Há uma diferença importante aqui no que se refere ao site e à Revista Viva Favela. No site, qualquer correspondente pode publicar conteúdo, uma vez estando cadastrado nele, e este conteúdo é então submetido à votação e apreciação da comunidade. Na Revista, os correspondentes contribuem primeiramente com sugestões de pauta, que são avaliadas pela equipe editorial e pelos outros correspondentes envolvidos no processo. Os correspondentes que enviaram as sugestões selecionadas são então convidados a produzirem conteúdo para a edição corrente, sempre acompanhados por uma equipe do projeto e guiados pelo editor convidado, geralmente um especialista no tema.

3- O Viva Favela continua oferecendo oficinas para os seus correspondentes? Se sim, como é a adesão aos cursos? Contribui para colaborações com melhor

qualidade? Todos os correspondentes precisam passar por essa formação ou não é um pré-requisito?

O Viva Favela tem trabalhado arduamente em seu programa de oficinas nos últimos meses. As oficinas não são obrigatórias para correspondentes que atuam no site, mas sua participação é sempre bem-vinda. Em suma, as oficinas se inscrevem no Programa de Formação de Correspondentes Comunitários do Viva Favela e são oferecidas geralmente em comunidades de baixa renda, através de parcerias locais, como ONGs e outros projetos sociais. No último ano, por exemplo, o Viva Favela ofereceu oito oficinas para turmas com uma média de 15 a 20 alunos inscritos. Foram temas e locais diversos como audiovisual (Pereira da Silva, Irajá, Costa Barros e Manguinhos), fotografia (Guadalupe), texto (Colônia Juliano Moreira, duas turmas) e blogs e mídias sociais (Guadalupe). Entre outras coisas, o principal objetivo das oficinas é sensibilizar os jovens para um novo olhar sobre sua própria comunidade. Se, através disto, conseguimos integrar as turmas e trazê-las a colaborar com o site, tanto melhor.

4- Em média, qual o volume de colaborações que vocês recebem? Vi que alguns textos são assinados pelo Viva Favela e que existem muitos perfis no portal sem nenhuma colaboração.

Temos uma média de 800 novos conteúdos nas seções principais do site a cada ano. Os textos assinados pela Equipe Viva Favela, em sua maioria absoluta, se referem a notícias de Agenda e Serviços ou notas no Blog Editorial. E, sim, existem vários usuários cadastrados que jamais colaboraram. Na realidade, esta estatística é bastante comum em sites colaborativos do nosso porte. Geralmente, temos uma média de 1% a 5% de colaboradores ativos para um total de cadastrados. Nós contabilizamos, por isso, os cadastrados (que hoje são cerca de 2,5 mil) de forma distinta dos correspondentes (que são cerca de 300).

5- Como você avalia as colaborações, em termos de qualidade de texto, apuração e reportagem?

É difícil tecer este tipo de análise, porque evidentemente sua comparação diz respeito a um produto jornalístico, em que profissionais atuam numa redação tradicional, com todo suporte necessário. Estamos falando de um veículo colaborativo, em que correspondentes atuam de forma espontânea (mesmo quando remunerados, recebem apenas R\$170, uma

espécie de ajuda de custo simbólica para os selecionados para a Revista) e amadora. O diferencial do Viva Favela não é e nem pode ser a qualidade de texto, mas as abordagens inovadoras, em primeira pessoa, com muito potencial criativo. E, mesmo assim, a qualidade surpreende.

6- Em que medida o Viva Favela se aproxima ou se afasta dos grandes veículos de comunicação? Que características, você acredita que o fazem se diferenciar da maioria dos meios noticiosos?

O Viva Favela surgiu para complementar a cobertura noticiosa dos meios tradicionais de imprensa. Durante muito tempo se observou (e ainda hoje se observa) uma cobertura voltada apenas para as questões de violência e criminalidade. O Viva Favela nasceu para falar sobre a favela em toda a sua plenitude, e não apenas com relação à violência. Estes princípios continuam norteando nossa ação e, nesse sentido, continuamos produzindo algo diferente...

7- A Cristiane Ramalho, em seu livro Notícias da Favela, conta que a partir de 2005 o portal começou a sofrer com a dificuldade em se sustentar e com a redução dos financiamentos recebidos pelo Viva Rio (devido a derrota do referendo sobre desarmamento). O site deixou de ter uma redação e os correspondentes recebiam por produção, que não poderia exceder duas matérias por mês. Até o site modificar seu formato, em 2010, como aconteciam as colaborações? Quem intermediava esse processo, entre 2005 e 2010?

Ao longo de sua existência o Viva Favela contou sempre com uma equipe de gestão do projeto e uma equipe editorial propriamente, para além de seus correspondentes. Até o projeto assumir seu modelo colaborativo, os correspondentes atuavam como colaboradores fixos da equipe, que é a realidade descrita pela Cristiane Ramalho no livro. Depois disso, o que temos é um modelo em que a equipe editorial é enxuta, apenas com editores e alguns responsáveis pela produção de conteúdos noticiosos institucionais. Os correspondentes atuam através da rede, de forma espontânea. Portanto, entre 2005 e 2010, o que vivenciamos foi uma espécie de transição de um modelo a outro. Mas jamais deixamos de contar com uma equipe de gestão do projeto, responsável por orientar os correspondentes em sua produção.

8- O novo site é bastante diferente do primeiro. Bem mais aberto à colaboração e interatividade, mas com essas novas ferramentas, o que mudou no processo de trabalho? Os correspondentes já não integram uma equipe fixa, trabalham em paralelo, independentes? Ou ainda recebem algum tipo de orientação?

No geral, a forma de trabalhar mudou bastante: os correspondentes não atuam de forma fixa, mas voluntariosa. Isto é, existem correspondentes que contribuem de forma rotineira com o site e a Revista, quase como correspondentes fixos, e existem os que atuam de forma mais esporádica. Todos eles, em especial os que contribuem com a Revista Viva Favela, recebem orientação da equipe editorial do projeto no que tange à construção de sua matéria ou conteúdo e são também, quando é o caso, guiados por editores convidados, especialistas em determinados temas, que podem apontar direcionamentos, sugerir entrevistados etc.

9- Você acredita que o novo formato funciona melhor que o primeiro, no que diz respeito à relação do Viva Favela com os correspondentes? E do ponto de vista da qualidade e periodicidade das colaborações, houve melhorias e/ou incremento no número de contribuições recebidas?

É difícil comparar, pois são dois modelos diferentes. Há virtudes e desvirtudes em cada um deles. Mas uma coisa é possível afirmar: a adoção do modelo colaborativo possibilitou ao Viva Favela expandir de forma decisiva seu raio de ação do Rio para o Brasil, ampliando uma base de correspondentes que antes era fixa, em torno de 20 membros da equipe, para cerca de 300 componentes atualmente em nossa rede. Isso foi, sem dúvida, um grande passo.

10- O portal 2.0 abriu a possibilidade de correspondentes de todo o país participarem. Eles constituem uma parcela significativa das colaborações?

Sim. Naturalmente, pelo próprio raio de ação das demais ações realizadas pelo projeto, incluindo seu Programa de Formação de Correspondentes Comunitários, a presença de usuários cadastrados provenientes do Rio de Janeiro ainda é absolutamente majoritária, chegando a cerca de 55% do total. Mas os demais estados, e também outros países, constituem uma parcela significativa da produção de conteúdo para o site hoje. Em 2011, tivemos um primeiro encontro nacional de correspondentes, em que trouxemos para o Rio vários de nossos interlocutores em outros estados do país. Em 2012, esta ação se repetiu na

cobertura colaborativa da Cúpula dos Povos. E este encontro presencial costuma sempre trazer excelentes intercâmbios.

11- No início do projeto, o Viva Favela pautou a mídia tradicional por muitas vezes, principalmente pelas restrições que as redações dos grandes veículos de comunicação tinham para ir às favelas e comunidades cariocas. O Viva Favela ainda exerce esse papel? Suas publicações ainda rendem repercussões nacionais ou internacionais, como nos seus primeiros anos de atividades?

Sim. Posso citar alguns casos em que tivemos repercussão importante na mídia recentemente, como projetos destacados na Revista Viva Favela sobre os "Empresários da Favela", o caso do Cine Guaraci que foi reaberto após uma mobilização local iniciada a partir de uma de nossas oficinas etc. Mas, hoje, claramente, o cenário é distinto. Não só porque o modelo de atuação do Viva Favela foi mudando ao longo do tempo, mas também por que a imprensa tradicional assumiu outras formas de atuar também. Mas uma coisa é certa: nenhuma equipe de reportagem, em qualquer veículo de comunicação, possui uma rede tão bem distribuída de correspondentes em favelas e periferias urbanas de todo o país como o Viva Favela. Isso faz toda a diferença.

Tsai Yi Jing

Editora Web do Viva Favela 2.0

1- Você participou da implementação da nova plataforma do Viva Favela? Caso sim, como foi esse processo, quanto tempo durou?

Não participei da implementação da nova plataforma. Entrei no projeto Viva Favela no começo de 2012, mais ou menos 2 anos após a mudança de 1.0 para 2.0. Quando entrei, a plataforma já estava bem consolidada, com sua rede de correspondentes e produções colaborativas bem ativas.

2- Por que vocês não migraram o conteúdo do primeiro site para o atual? A ideia era manter demarcada a mudança de um modelo para outro?

Não migramos os conteúdos 1.0 para o site 2.0 para mantermos a identidade de cada um: tanto visual quanto de colaboração. No 1.0, tínhamos uma equipe interna de

correspondentes comunitários. Era o formato de uma redação jornalística. Já no 2.0, os correspondentes podem qualquer um, qualquer pessoa com vontade de escrever sobre sua comunidade. Geralmente resgatamos matérias antigas do 1.0, e divulgamos nas nossas redes sociais. A mudança de plataforma não significou o "encerramento" do site antigo. Tentamos sempre resgatar alguma coisa, até para relembrar as matérias e os colaboradores antigos.

Além disso, tínhamos um problema técnico em relação à migração de conteúdos, pois as duas plataformas são incompatíveis. Optamos, então, por manter a identidade de cada site.

3- Como é a relação do Viva Favela com os correspondentes? Vocês se conhecem pessoalmente, existe algum tipo de encontro ou reunião de pauta? Tudo acontece no meio virtual?

Como editora web do Viva Favela, procuro me manter sempre em contato com os correspondentes. É bom acompanhar as produções deles, conhecer o que cada um tem a falar da comunidade em que mora etc. As reuniões de pautas acontecem para a produção da Revista Multimídia. Este encontro é realizado virtualmente, através de uma videoconferência. Conheço alguns correspondentes pessoalmente. Por exemplo, durante a Cúpula dos Povos (Rio+20, em junho de 2012), o Viva Favela convidou 8 correspondentes para cobrirem os eventos. Este foi o meu primeiro contato pessoal com correspondentes do site. É ótimo isso. Os laços de amizade se estreiam e você passa a conhecer melhor as pessoas.

Conhecer melhor os correspondentes (tanto virtualmente quando pessoalmente) também ajuda nas produções do Viva Favela. Sabendo o que eles gostam de produzir (texto, matéria, vídeo...), de qual comunidade eles são, o que eles têm a oferecer etc, facilita quando precisamos de alguma matéria específica. Exemplo: precisamos de um conteúdo sobre o Complexo do Maré. Temos correspondente X, que é super engajado e bem participativo. Isso é muito legal!

E isso também funciona do outro lado: no final do ano passado, fui convidada por um correspondente da gente para participar de um evento de blogueiros comunitários, no Alemão (comunidade na qual ele mora). Essa interação da equipe com os correspondentes é essencial, tanto para o progresso do projeto, quanto para expandir os laços e contatos na vida pessoal.

4- Como é feita a edição e seleção das matérias que vão ao ar? Esse processo é anterior à publicação ou o próprio colaborador já publica o conteúdo e depois vocês fazem a mediação?

O site é aberto para contribuições. Geralmente não há um filtro do que vai entrar e não vai entrar no site. O que acontece é uma edição e revisão do texto, para eliminar erros de ortografia, formatação, essas coisas.

Às vezes um correspondente publica um conteúdo numa área errada. Por exemplo: ele divulga um evento em Matérias, quando a área mais indicada para esse tipo de conteúdo é Agendas e Serviços. O que fazemos é migrar o conteúdo de área e informar o correspondente sobre essa mudança.

Alguns correspondentes até preferem conversar conosco sobre ideias de matérias para o site. Eles mandam e-mail ou conversam comigo pelo chat do Facebook, dizendo que têm uma ideia legal e se a gente gostaria que eles publicassem no site.

Já na Revista Multimídia é diferente. Aí sim temos uma reunião de pauta, para saber quais serão as matérias que irão ser publicadas. Neste processo, nós acompanhamos os correspondentes no desenvolvimento das matérias, guiando-os e dando dicas de como melhorar a matéria.

5- Em média, qual o volume de colaborações que vocês recebem? Vi que alguns textos são assinados pelo Viva Favela e que existem muitos perfis no portal sem nenhuma colaboração.

Diria que a média de conteúdos é de 80 por mês, mas claro que este número pode variar. Alguns conteúdos são assinados pelo perfil do Viva Favela porque se tratam de conteúdos feitos pela equipe interna ou que tenham mais caráter institucional.

Sim, existem perfis que não colaboraram com conteúdo ao Viva Favela. No nosso sistema do site, chamamos estes de "seguidor". Os que já contribuíram alguma vez com o site, o sistema chama-os de "correspondentes".

Este cenário (de usuários sem colaboração) é bem típico em site colaborativo, pois existem usuários que apenas criam a conta, e depois esquecem que tem cadastro lá.

6- Como você avalia as colaborações, em termos de qualidade de texto, apuração e reportagem?

Isso pode variar bastante, até pela singularidade de cada correspondentes. Alguns são jornalistas, outros estudantes de ensino médio, e outros não tem formação acadêmica. É bem diverso, e isso é bem legal de ser ver, pois o público alvo é bem amplo.

O conteúdo pode ser fraco, mas você vê que o correspondente tem a vontade de escrever, de participar, de contribuir. Quando é necessário, procuro dar uma melhorada no texto, mas sempre respeitando as características textuais, sem fugir do estilo do correspondente.

7- Vocês fazem a mediação dos comentários? Se sim, antes ou depois de publicados?

Os comentários não passam por mediação prévia. Eu observo todos os comentário publicados no site, mas não tenho o hábito de deletar, até para respeitar a opinião da pessoa. A moderação nos comentários acontece nos casos de linguagem ofensiva, palavrão etc. Aí sim moderamos com mais atenção, pois temos uma política do site de deletar estes tipos de comentários. Fora isso, procuramos respeitar a opinião dos correspondentes.

8- Quais características diferenciam o Viva Favela de outros sites de conteúdos que cobrem favelas e comunidades do Rio de Janeiro?

Creio que a principal diferença seja a questão da colaboratividade. O Viva Favela foi pioneiro da questão de ser um site aberto e colaborativo. Como temos uma rede de correspondentes que ultrapassam o limite territorial do Rio de Janeiro, temos matérias que falam sobre favelas de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e outros estados. Recentemente, uma correspondente viajou para Buenos Aires e produziu uma matéria sobre a favela de Villa 31, que ficou ótima!

Possibilitar que qualquer um possa escrever sobre sua comunidade é ótimo. Com isso, podemos ver diversos conteúdos sobre várias favelas em todo o Brasil, e não somente no Rio de Janeiro.

Thamyra de Araújo

Correspondente do Viva Favela 2.0

1- O que a motivou a contribuir com o Viva Favela? Com que frequência você envia matérias?

Gosto de uma plataforma que procura dá visibilidade para as vivências culturais dentro de espaços populares como a favela.

2- Você já participou de alguma oficina promovida pelo Viva Favela? Se sim, qual? Como influenciou no seu trabalho como correspondente?

Já participei sim, uma de correspondente multimídia. E me fortaleceu no entendimento das ferramentas de comunicação.

3- Como você escolhe os temas sobre os quais vai escrever? A equipe do portal sugere pautas para os colaboradores?

A equipe pode sugerir sim, mas na maioria das vezes a pauta é livre.

4- Como você faz a apuração e reportagem? Você faz sozinha ou conta com a ajuda de alguém do Viva Favela?

Na maioria das vezes eu faço sozinha a apuração, mas sempre que eu preciso conto com a equipe sim que está sempre disponível.

5- Você mesma publica os textos e fotos no portal? Ou antes é necessária a aprovação da equipe?

Não os textos são livres, cada um publica o seu, sem autorização prévia. Isso é o que eu acho bem legal.

6- Como moradora de uma favela, o Complexo do Alemão, você acredita que as notícias do Viva Favela representam melhor as favelas que os veículos tradicionais de comunicação? Por quê?

Sim, sem dúvida. No Viva Favela a notícia é de dentro pra fora!

7- Quais características diferenciam o Viva Favela de outros sites de conteúdos que cobrem favelas e comunidades do Rio de Janeiro?

Acho que o Viva favela foi o pioneiro que abriu espaço para muitas coisas boas que vieram pela frente como o jornal Voz das Comunidades o Blog O Cotidiano, do Valdean.

ANEXO 2

Viva Favela 1.0

Data	Matéria	Correspondente	Comunidade	Redação	Temática	Foto	Link
1/10/2003	Três vezes hip hop	—	—	Carlos Collier	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1151&info_id=30353
2/10/2003	Jovens na mira	Cláudio Pereira	Maré	Vilma Romero	Perfil	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1151&info_id=30263
3/10/2003	Arroz de cabidela	—	—	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1151&info_id=30376
3/10/2003	Comida para quem precisa	Edu Casaes	Rocinha	Vilma Romero	Social	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1151&info_id=30377
4/10/2003	Sacada que vale ouro	Rita de Cássia Pinto	Cantagalo		Esporte	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1151&info_id=30370
6/10/2003	Lição de aluno	Dayse Lara	Cidade de Deus	Tetê Oliveira	Educação	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?info_id=30254&sid=87&from_info_index=1146

7/10/2003	Da tela para a gruta	Edu Casaes	Rocinha	Vilma Romero	Perfil	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=29921&sid=87&from_info_index=1146
7/10/2003	Lucro cor-de-rosa	Begha Lindemberg	Ramos	Gisele Netto	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30472&sid=87&from_info_index=1146
8/10/2003	Beleza de porta em porta	Guaraci Gonçalves	Tuiuti	Vilma Romero	Beleza Pura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30428&sid=87&from_info_index=1146
9/10/2003	Olhar sobre o amanhã	—	—	Marcelo Monteiro	Entrevista	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30500&sid=87&from_info_index=1146
10/10/2003	Comida arretada	—	—	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30507&sid=87&from_info_index=1141
10/10/2003	Importados da Rocinha	—	—	Jaime Gonçalves	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30505&sid=87&from_info_index=1141
11/10/2003	Vou de bicicleta	Anna Carolina Miguel	Zona Oeste	Vilma Romero	Comportamento	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30496&sid=87&from_info_index=1141
13/10/2003	Dor que não passa	Dayse Lara	Cidade de Deus	Vilma Romero	Violência	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30435&sid=87&from_info_index=1141

14/10/2003	Sob a proteção dos mortos	–	–	Marcelo Monteiro	Comportamento	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30235&sid=87&from_info_index=1141
14/10/2003	Festa na Floresta	Begha Lindemberg	Ramos	Gisele Netto	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30590&sid=87&from_info_index=1136
15/10/2003	Pulsção afro	–	–	Carlos Collier	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30606&sid=87&from_info_index=1136
16/10/2003	Trilhas urbanas	Edu Casaes	?	Vilma Romero	EcoPop	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30629&sid=87&from_info_index=1136
17/10/2003	Caldo de mandioca	–	–	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30649&sid=87&from_info_index=1136
17/10/2003	Sem voto em branco	Anna Carolina Miguel	Zona Oeste	Vilma Romero	Serviço	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30659&sid=87&from_info_index=1136
18/10/2003	Versos ao vento	Cristian Ferraz	Baixada	?	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30623&sid=87&from_info_index=1131
20/10/2003	Amigo para sempre	Guaraci Gonçalves	Tuiuti	Vilma Romero	Serviço	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30564&sid=87&from_info_index=1131

21/10/2003	Polêmica ainda em cartaz	Dayse Lara	Cidade de Deus	Vilma Romero	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30524&sid=87&from_info_index=1131
21/10/2003	Os metaleiros também amam	Begha Lindemberg	Ramos	Gisele Netto	Comportamento	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30740&sid=87&from_info_index=1131
22/10/2003	Põe na conta	Anna Carolina Miguel	Zona Oeste	Tetê Oliveira	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30753&sid=87&from_info_index=1131
23/10/2003	Os sem-ateliê	—	—	Marcelo Monteiro	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30545&sid=87&from_info_index=1126
24/10/2003	Bolo de mandioca	—	—	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30800&sid=87&from_info_index=1126
24/10/2003	O berço do samba	—	—	Marcelo Monteiro	Favela tem Memória	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30816&sid=87&from_info_index=1126
27/10/2003	Dançando sem os lobos	—	—	Ana Cora Lima	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30794&sid=87&from_info_index=1126
28/10/2003	Boteco social	Guaraci Gonçalves	Tuiuti	Vilma Romero	Social	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publico/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30869&sid=87&from_info_index=1126

28/10/2003	Casório Coletivo	Begha Lindemberg	Ramos	Gisele Netto	Comportamento	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30872&from
29/10/2003	Aldeias na internet	—	—	Vilma Romero	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30896&from_info_index=1121&sid=87
30/10/2003	Ele cresceu e apareceu	—	—	Carlos Collier	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30930&from_info_index=1121&sid=87
30/10/2003	Elas invadiram o campo	Rita de Cássia Pinto	Cantagalo	Vilma Romero	Esporte	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30927&from_info_index=1121&sid=87
31/10/2003	Frango a baiana	—	—	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30909&sid=87&from_info_index=1121
31/10/2003	Quem sabe faz	Cláudio Pereira	Maré	Vilma Romero	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30765&from_info_index=1116&sid=87
3/11/2003	Na contramão da boiada	Edu Casaes	Rocinha	Vilma Romero	Perfil	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30961&sid=87&from_info_index=1116
4/11/2003	Meu adorável barraco	Dayse Lara	Cidade de Deus	Tetê Oliveira	Social	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30995&sid=87&from_info_index=1116

4/11/2003	Plantando o futuro	Begha Lindemberg	Ramos	Vilma Romero	Educação	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=31027&sid=87&from_info_index=1116
5/11/2003	Missão em catequese	Bete Silva	Complexo do Alemão	?	Social	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=30787&sid=87&from_info_index=1116
6/11/2003	Espinhos lucrativos	Anna Carolina Miguel	Zona Oeste	Vilma Romero	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1111&infoid=30971
7/11/2003	Arroz cocoricó	–	–	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1111&infoid=30907
7/11/2003	Feras reunidas	–	–	Carlos Collier	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1111&infoid=31109
8/11/2003	Sexteto de fama	Edu Casaes	Rocinha	Vilma Romero	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1111&infoid=31046
10/11/2003	Beleza lucrativa	Rita de Cássia Pinto	Cantagalo	Vilma Romero	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1111&infoid=31110
11/11/2003	A voz da notícia	Begha	Ramos	Vilma Romero	Perfil	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1111&infoid=31110

		Lindemberg					d=87&from_info_index=1106&info_id=31176
11/11/2003	Elas ainda resistem	–	–	Ana Cora Lima	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1106&info_id=31029
12/11/2003	Ajuda bem-vinda	Guaraci Gonçalves	Tuiuti	Vilma Romero	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1106&info_id=30431
13/11/2003	Guitarra social	Cláudio Pereira	Maré	Vilma Romero	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1106&info_id=31194
14/11/2003	Caldo de jiló	–	–	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1106&info_id=30647
14/11/2003	Adeus, patrão	Guaraci Gonçalves	Tuiuti	Vilma Romero	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1101&info_id=31267
17/11/2003	Brechó de demolição	Cláudio Pereira	Maré	Vilma Romero	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1101&info_id=30820
18/11/2003	Paulo Coelho das escolas	–	–	Vilma Romero	Educação	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1101&info_id=31274

19/11/2003	Lição inesquecível	Cristian Ferraz	Baixada	Tetê Oliveira	EcoPop	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1101&infoid=30624
20/11/2003	Na base do suor	–	–	Marcelo Monteiro	Favela tem Memória	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1101&infoid=31381
21/11/2003	Torta de farofa	–	–	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1096&infoid=30804
21/11/2003	Celeiro Musical	Cristian Ferraz	Baixada	Vilma Romero	Cultura	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1096&infoid=31345
24/11/2003	Na confiança	Cláudio Pereira	Maré	Vilma Romero	Perfil	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1096&infoid=31434
25/11/2003	Vivendo de Bico	Rita de Cássia Pinto	Cantagalo	Vilma Romero	Economia	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1096&infoid=31392
26/11/2003	Uma turma da pesada	–	–	Carlos Collier	Serviço	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1096&infoid=31454
27/11/2003	Olha o jornal!	Dayse Lara	Cidade de Deus	Tetê Oliveira	Social	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/public/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1091&infoid=31454

							oid=31536
28/11/2003	Bobó diferente	–	–	Ana Cora Lima	Receita	não	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1091&infoid=31551
28/11/2003	As roças da Rocinha	Edu Casaes	Rocinha	Vilma Romero	Social	sim	http://acervo.vivafavela.com.br/publiclique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=87&from_info_index=1091&infoid=31564

Viva Favela 2.0

Data	Matéria	Correspondente	Comunidade	Temática	Fotos	Votos	Link
4/10/2012	Casinos online	Elena Fran	"favela" - RJ	Jogos de azar	sim	1	http://www.vivafavela.com.br/materias/casinos-online
6/10/2012	Covardia com os pobres	Sandro Mendes	Vila Kennedy - RJ	Política	sim	6	http://www.vivafavela.com.br/materias/covardia-com-os-pobres
9/10/2012	Restinga comemora um ano de Onlybyskate	Nilo Dias Cabral	Restinga - RS	Esporte	sim	7	http://www.vivafavela.com.br/materias/restinga-comemora-um-ano-de-onlybyskate
11/10/2012	O pecado não está no funk, mas nos abusos	Zé Mendonça	Zona Leste - SP	Artigo	não	7	http://www.vivafavela.com.br/materias/o-pecado-n%C3%A3o-est%C3%A1-no-funk-mas-nos-abusos
11/10/2012	Drogas: legalização ainda é tabu	Rosilene Miliotti	Maré - RJ	Revista Multimídia	não	7	http://www.vivafavela.com.br/materias/drogas-legaliza%C3%A7%C3%A3o-ainda-%C3%A9-tabu

15/10/2012	A educação: uma arma no combate as drogas e a violência	Martha Albuquerque de Miranda	Nilópolis - RJ	Revista Multimídia	sim	8	http://www.vivafavela.com.br/materias/educa%C3%A7%C3%A3o-uma-arma-no-combate-drogas-e-viol%C3%Aancia
16/10/2012	Pelo direito de nascer limpo	Daniella Vieira	Terreirão	Revista Multimídia	não	7	http://www.vivafavela.com.br/materias/pelo-direito-de-nascer-limpo
16/10/2012	Alice no país das smartshops	Paloma Silbar	Padre Miguel	Revista Multimídia	sim	13	http://www.vivafavela.com.br/materias/alice-no-pa%C3%ADs-das-smartshops
16/10/2012	O Novo Código Penal e a “descriminalização do uso de drogas”	Luciana Zanotelli	Pelotas - RS	Revista Multimídia	não	8	http://www.vivafavela.com.br/materias/o-novo-c%C3%B3digo-penal-e-%E2%80%9Cdescriminaliza%C3%A7%C3%A3o-do-uso-de-drogas%E2%80%9D
16/10/2012	Não somos o alvo	Thamyra de Araújo	Complexo do Alemão - RJ	Revista Multimídia	não	9	http://www.vivafavela.com.br/materias/n%C3%A3o-somos-o-alvo
17/10/2012	A fé que desintoxica	João VÍctor de Mello	Botafogo - RJ	Revista Multimídia	não	8	http://www.vivafavela.com.br/materias/f%C3%A9-que-desintoxica
17/10/2012	Qual é o tamanho do seu mundo	Thamyra de Araújo	Complexo do Alemão - RJ	Poema	sim	9	http://www.vivafavela.com.br/materias/qual-%C3%A9-o-tamanho-do-seu-mundo
18/10/2012	Drogas: lei x usuários	Cristiane Regina	Igarapé do Tietê - SP	Revista Multimídia	não	9	http://www.vivafavela.com.br/materias/drogas-lei-x-usu%C3%A1rios
19/10/2012	Tratamento ilegal	Renan Schuindt	Costa Barros - RJ	Revista Multimídia	não	12	http://www.vivafavela.com.br/materias/tratamento-ilegal
22/10/2012	Drogas no trânsito	Marcos Roberto	Jd. Pinheirinho - PR	Drogas	sim	7	http://www.vivafavela.com.br/materias/drogas-no-transito
25/10/2012	Alternativa Rock Bar vence o Fórum Cel.U.Cine Transmídia	Projeto Paralelo Comunicação	Rio de Janeiro - RJ	Cultura	sim	5	http://www.vivafavela.com.br/materias/alternativa-rock-bar-vence-o-f%C3%B3rum-celucine-transm%C3%Addia

28/10/2012	AS DAMAS DE IRAJÁ - 1	Marcos Nascimento	Irajá - RJ	Perfil	não	11	http://www.vivafavela.com.br/materias/damas-de-iraj%C3%A1-1
4/11/2012	DIA DA FAVELA - O QUE VOCÊ LEMBRA?	Renan Schuindt	Costa Barros - RJ	Artigo	não	9	http://www.vivafavela.com.br/materias/dia-da-favela-o-que-voc%C3%AA-lembra-0
8/11/2012	Mais 100 nomes na lista de mortos	Dinha	Parque Bistrol - SP	Violência	não	4	http://www.vivafavela.com.br/materias/mais-100-nomes-na-lista-de-mortos
8/11/2012	Revista fala sobre crescimento do gênero 'terror' no Brasil	Projeto Paralelo Comunicação	Rio de Janeiro - RJ	Cultura	sim	4	http://www.vivafavela.com.br/materias/revista-fala-sobre-crescimento-do-g%C3%AAnero-%E2%80%98terror%E2%80%99-no-brasil
13/11/2012	Teatro Mário Lago recebe equipe de reportagem do Jornal Extra	Guilherme Júnior	Vila Kennedy - RJ	Cultura	não	7	http://www.vivafavela.com.br/materias/teatro-m%C3%A1rio-lago-recebe-equipe-de-reportagem-do-jornal-extra
14/11/2012	Viva Favela na Argentina	Rona Cavalcanti	Santa Teresa - RJ	Relato de viagem	sim	8	http://www.vivafavela.com.br/materias/viva-favela-na-argentina
14/11/2012	Metalinguagem ou o cinema que fala de si no Curta TV deste domingo	Projeto Paralelo Comunicação	Rio de Janeiro - RJ	Cultura	sim	2	http://www.vivafavela.com.br/materias/metalinguagem-ou-o-cinema-que-fala-de-si-no-curta-tv-deste-domingo
19/11/2012	As UPP e os caminhos para a "pacificação" no Rio	Marcelo Bauer	São Paulo - SP	Cultura	não	6	http://www.vivafavela.com.br/materias/upp-e-os-caminhos-para-pacifica%C3%A7%C3%A3o-no-rio
21/11/2012	Programa mostra a importância do audiovisual na construção da identidade nacional	Projeto Paralelo Comunicação	Rio de Janeiro - RJ	Cultura	não	4	http://www.vivafavela.com.br/materias/programa-mostra-import%C3%A2ncia-do-audiovisual-na-constru%C3%A7%C3%A3o-da-identidade-nacional

28/11/2012	Curta TV exhibe uma seleção de filmes inspirados nas grandes metrópoles	Projeto Paralelo Comunicação	Rio de Janeiro - RJ	Cultura	não	4	http://www.vivafavela.com.br/materias/curta-tv-exibe-uma-sele%C3%A7%C3%A3o-de-filmes-inspirados-nas-grandes-metr%C3%B3poles
29/11/2012	PMs agridem, torturam e cometem racismo contra advogada negra	Marcos Roberto	Jd. Pinheirinho - PR	CÓPIA DO YOUTUBE	sim	4	http://www.vivafavela.com.br/materias/pms-agridem-torturam-e-cometem-racismo-contra-advogada-negra
29/11/2012	Altvater e o folk da terra roxa que amadureceu e foi viajar	Zé Mendonça	Zona Leste - SP	CÓPIA	sim	6	http://www.vivafavela.com.br/materias/altvater-e-o-folk-da-terra-roxa-que-amadureceu-e-foi-viajar

ANEXO 3

Viva Favela 1.0

13/10/2003

Dor que não passa

Dayse Lara, da Cidade de Deus e Vilma Romero, da Redação



A modelo Ludmila Gomes, a Milla, de 18 anos, moradora da Cidade de Deus, não esquece o dia 18 de dezembro do ano passado. Nesse dia, sua mãe Clarice Ramos da Silva, de 59 anos, foi atingida durante um tiroteio entre policiais e traficantes na Cidade de Deus. Clarice morreu no dia seguinte. Para as estatísticas nacionais, tornou-se mais uma vítima fatal de balas perdidas. Para a filha Ludmila, representou uma perda que ela não sabe como, nem quando conseguirá superar.

“É uma dor na carne. Parece que estão tirando uma parte do seu coração. Acho que nunca mais vou sentir a mesma dor. Só se eu tiver um filho e perder”, desabafa Milla. A dor pela morte da mãe renovou sua vontade de lutar por uma política mais rigorosa em relação ao controle de armas. Conscientizar a população sobre a necessidade do desarmamento, diz a modelo, “é a única forma” de evitar novas mortes.

Na Cidade de Deus, não é só a família que sente a perda de Clarice. A vizinhança toda lamenta. Simpática, falante, Clarice era tida como aquela a quem se procura em busca de conselhos, de uma receita de bolo ou mesmo para botar o papo em dia. Até mesmo os

animais da área ficaram ainda mais abandonados com a sua ausência. Clarice costumava ficar com pena e levar para casa os bichinhos que encontrava na rua, doentes ou famintos. Quando não tinha como abrigá-los, cuidava deles ali mesmo na rua, levando-lhes comida e remédios.

"Ela se preocupava com todo mundo. O pouco que tinha, Clarice dava um jeito de partilhar. Qualquer pessoa que aparecesse em sua casa com fome ou precisando de alguma coisa, ela sempre ajudava. Fosse com um prato de comida, com um conselho", conta Domingas Ramos de Santana, vizinha e amiga. Ela havia ficado de dar a Clarice medicamentos que seu cachorro não precisara mais usar para que a amiga tratasse de um animal que encontrara na rua. Não deu tempo.

Clarice também era procurada por um saber que poucos dominam: o conhecimento das ervas. Quem estivesse precisando de um remédio caseiro sempre a consultava. Ela costumava saber o que indicar, dava dicas de chás e falava para que servia cada planta. "Também era boa cozinheira, daquelas com quem se troca receitas", lembra Domingas.

No meio do tiroteio

Ludmila conta que sua mãe estava conversando com vizinhas na porta de casa, como costumava fazer, quando começou um tiroteio na rua. Minutos depois, passou um rapaz avisando que alguém tinha sido baleado. Preocupada, achando que a vítima poderia ter sido um de seus filhos, Clarice saiu correndo porta afora.

"Quando ela foi atrás de meu irmão, que estava na rua, os tiros tinham diminuído. Mas ao se aproximar do local em que estaria a pessoa baleada, os policiais voltaram a atirar. E um desses tiros atingiu minha mãe. Mas eles não deixaram que ela fosse logo socorrida", conta a caçula Ludmila.

Levada para o Hospital Lourenço Jorge ainda com vida, Clarice ficou internada por um dia. "Logo que soube que minha mãe tinha sido baleada, corri para a rua para socorrê-la, mas já tinham levado ela para o hospital. Fui imediatamente para lá, e o rapaz que tinha empurrado a maca em que ela estava me informou que ela passava bem. Fiquei mais tranqüila e vim em casa trocar de roupa", conta.

Quando voltou ao hospital, porém, Ludmila teve que esperar até quase meia-noite para conseguir alguma notícia. "Foi quando a assistente social a quem pedi notícias sobre minha mãe contou que o estado dela era grave. A bala que lhe atingira o braço também

havia perfurado o rim, o baço e outros órgãos vitais. Ela me falou para me apegar em Deus, mas que não sofresse antes do tempo”, lembra Ludmila, ainda emocionada.

A tragédia aumentou ainda mais a sua convicção de que é preciso lutar pelo desarmamento. “É preciso haver campanha contra as armas, contra essa violência. Fora isso, não dá para fazer mais nada. Me sinto de pés e mãos atadas. É uma tristeza muito grande as coisas terem chegado onde chegaram”, diz. Ludmila era a caçula dos sete filhos de Clarice, que já era avó de oito netos.

14/10/2003

Festa na floresta

Begha Lindenberg, de Ramos e Vilma Romero, da Redação



A última sexta-feira, 10, foi de festa na comunidade da Praia de Ramos. Além do Dia das Crianças, o Centro Municipal de Atendimento Social Integrado (Cemasi) da Roquete Pinto comemorava o 7º aniversário de sua fundação. O Centro presta atendimento a crianças e jovens, portadores de deficiências, idosos e famílias da região. A idéia é melhorar a auto-estima e ajudar a promover socialmente os moradores. Ao todo, 295 pessoas recebem assistência atualmente.

A festa contou com um espetáculo organizado pelos alunos - Folclore, histórias de nossas raízes, além de uma exposição e da apresentação de esquetes teatrais, danças e capoeira. Tudo na antiga gráfica do INSS, na comunidade da Praia de Ramos. O galpão tem cerca de mil metros quadrados e passou por uma maquiagem para receber os visitantes. Alunos enfeitaram as paredes com pinturas, desenhos e grafite. A decoração retratava o Meio Ambiente, a proteção da Natureza e a chegada da Primavera, com plantas e animais de diversas formas e cores.

Folclore em alta

“Estar aqui é ótimo. O projeto está sendo muito bom, distrai a cabeça do pessoal da minha idade. E a gente ainda faz amizade, os encontros são alegres e agora estamos participando dessa festa, que está linda”, dizia Maria Celeste de Souza Coutinho, 72, há seis anos no grupo da Terceira Idade do Cemasi. As amigas Maria José Rock, 67, Terezinha de Brito, 64, e Elizabete Maria dos Santos, de 80, só faziam sorrir e concordar. “Estamos todas de parabéns”, disse Celeste, apoiada por sorrisos largos das colegas.

No galpão, os visitantes encontravam uma exposição com personagens do folclore nacional, como a Mula Sem Cabeça, o Saci-Pererê e o Boitatá, e com as manifestações culturais típicas de cada região do país. Estavam representadas as cantigas de roda e de acalanto; as festas tradicionais, como o Carnaval, o Bumba-Meu-Boi, a Folia do Divino; as danças típicas de cada região, como o Fandango, o Batuque e o Maculelê; a arte e o artesanato, em suas mais diversas formas; as tradições orais, como o trava-línguas, adivinhações e ditos populares; os ritos religiosos e as crenças, como a malhação do Judas, as benzedeiras e os talismãs, além das técnicas de subsistência utilizadas no Brasil, entre elas o garimpo, a pesca e o pastoreio.

A abertura do evento, às 9h, foi com a música A Festa, de Anderson Cunha, sucesso nacional na voz de Ivete Sangalo. Ao som dos versos “Hoje tem festa no gueto/ Pode vir, pode chegar/Misturando o mundo inteiro/Vamos ver no que é que dá/ Tem gente de toda cor/ Tem raça de toda fé”, alunos da terceira idade e adolescentes desenvolveram uma coreografia que representava a miscelânea de raças e credos no Brasil.

Porta aberta para a violência

O grupo de teatro do Cemasi fez sua primeira apresentação com um esquete teatral sobre violência doméstica. O objetivo era retratar uma realidade geralmente vivida em

silêncio pelas mulheres. “Eles estavam contando histórias de vida que já viram. Sobre a mãe que obriga o filho a sair da escola e trabalhar, sobre o pai que chega alcoolizado em casa e bate na mãe e nos filhos e sobre várias outras formas de violência dentro de casa”, explica Shirley de Freitas, 47 anos, diretora da instituição.

Em seguida, crianças e adolescentes se juntaram, ao som da dupla Sandy e Junior, para uma exibição de Street Dance. Na apresentação, alunos executaram coreografias com passos ritmados, com influências do funk americano e da dança de rua.

Produzida pelo grupo de jovens do Cemasi, a peça Violência Sexual veio depois da dança. O objetivo foi estimular a reflexão sobre as causas do problema. O elenco era formado por cinco adolescentes com idades entre 12 e 14 anos, sob o comando do professor de teatro Marcos Paulo Souza, 23 anos.

“É um trabalho de prevenção. Tem gente na comunidade que deixa a porta de casa aberta, traz estranho para dentro de casa, deixa os filhos aos cuidados de desconhecidos. Aí quando vai ver, a violência sexual já aconteceu, e não se pode fazer mais nada, a não ser tentar apagar os traumas”, analisa Marcos.

A apresentação das crianças mais novas com as senhoras da terceira idade foi uma coreografia inspirada na natureza e na incerteza do futuro, com a degradação do Meio Ambiente. Ao embalo da música Guerreiros do Futuro, interpretada pelo grupo Do Ré Mi Fá Sol Lá Simony (Som e céu, luz e ar/ Rios e fontes, terra e mar/ Somos os guerreiros do futuro/ E pra esse futuro ser feliz/ Vamos ter que cuidar/ bem desse país/ Será que no futuro haverá flores/ Será que os peixes vão estar no mar/ Será que os arco-íris terão cor/ E os passarinhos vão poder voar/ Será que terra vai ceder-nos tanto/ O fruto, a folha, o caule e a raiz?), as idosas representavam a natureza, as crianças e o futuro.

A música Aquarela, de Toquinho e Vinícius de Moraes (Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo/ E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo/ Com o lápis em torno da mão imitou uma luva/ E se faço chover com dois riscos tem um guarda-chuva), foi um dos pontos altos do evento. Um grupo formado apenas por crianças interpretou a música, com os corpos pintados, representando lápis, cores e os desenhos citados na letra. “O resultado foi tão lindo e emocionante que até já recebemos convites para apresentar a coreografia em outros lugares”, orgulha-se a diretora Shirley.

A última atração da festa ficou a cargo da febre esportiva nacional, a capoeira. Há dois anos e meio no Cemasi da Roquete Pinto, o professor Montanha realizou o primeiro batizado de uma turma. “As crianças precisam desse estímulo, de ganhar um diploma, de

passar de fase, de ter uma continuação do trabalho. A gente via o brilho nos olhos deles, como estavam felizes e orgulhosos”, conta Shirley.

04/11/2003

Plantando o futuro

Begha Lindemberg, de Ramos e Vilma Romero, da Redação



Quem passa perto da Estação de Tratamento de Água da Maré percebe logo. As duas formas cilíndricas, com estrutura de bambu, cobertas por tela fina, se parecem com ocas indígenas. São viveiros de 30m2, que, além de produzir as mudas das plantas que irão ornamentar todo o Parque Ambiental de Ramos, na Zona Norte do Rio, são uma forma didática de passar aos moradores da Maré noções ambientais. Ajudando a plantar, eles aprendem a cuidar e a ver as árvores e plantas locais como um bem da própria comunidade.

Inaugurados na última sexta-feira, 31, em meio a muita festa, os dois viveiros e a horta orgânica fazem parte de uma série de projetos que estão sendo implementados pelo Instituto Terra Nova, que desde maio é responsável pela administração do Parque Ambiental. Em parceria com a secretaria estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento

Urbano e através de convênio com a Petrobras, a ONG pretende espalhar o verde pela Maré. Fora as mais de 300 mudas já plantadas, o instituto quer ainda transformar as lajes das casas em canteiros. Serão os chamados “telhados verdes”.

Embora ainda seja um projeto futuro, que só deverá dar seus primeiros frutos no primeiro trimestre do ano que vem, a iniciativa promete. “Sob a orientação dos nossos técnicos, os moradores poderão usar as lajes de suas casas para o cultivo de hortaliças e temperos que poderão ser incorporados à alimentação. Além do aspecto visual, também se cria uma solução para atenuar o calor das casas no verão”, explica a assessora de comunicação do Terra Nova, Cristiana Lobo.

Com a participação de cerca de 80 alunos da escola municipal Armando Salles de Oliveira e muitos moradores, o plantio dos viveiros foi o terceiro evento realizado pelo instituto – o primeiro quando se oficializou a nova administração e o segundo em setembro, numa Festa da Primavera. Essa participação é exatamente o que desejam os coordenadores do Instituto Terra Nova.

“Em vez de nós fazermos o plantio, preferimos que a comunidade participe. É tomando posse desse espaço que as pessoas vão apropriar-se e desejar cuidar dele como seu”, explica Cristiana Lobo.

Piscinão verde

Empenhados na tarefa de jardineiros, os alunos mostravam-se compenetrados na tarefa. Não eram só eles. Crianças de outros projetos sociais, como o Centro Esportivo do Piscinão, entusiasmavam-se com a perspectiva de transformar os 1.300m² do parque e melhorar o entorno da favela.

“É muito maneiro. O piscinão vai ficar mais verde e todos vão respirar um ar mais puro”, sonha Eduardo Reis. Aos 12 anos, ele pretende frequentar a horta orgânica, criada entre os dois viveiros, para acompanhar o crescimento das sementes de maracujá que plantou. Ali, brotarão também pés de alface, cenoura, temperos variados e outros verdes.

Como Eduardo, Maria Carolina da Silva Gonçalves, 11 anos, também pretende ser assídua frequentadora do espaço. “Já tinha plantado um pé de acerola, na Festa da Primavera; hoje plantei mais uma quaresma. Pretendo vir regá-las todos os dias”, planeja.

As plantas nascidas ali irão não só cobrir de verde todo o parque, como também vão abastecer o quiosque que será montado à entrada do Piscinão. “Os produtos do viveiro

receberão selo verde de qualidade. Além de comercializar as plantas produzidas pelos projetos, também divulgaremos produtos e serviços oferecidos. Como os vasos e objetos de bambu que também estão sendo feitos na comunidade”, explica a assessora de comunicação.

Os produtos da horta devem terminar na mesa do pessoal da comunidade. Para isso, hortaliças, legumes e verduras serão vendidos a preço de custo aos moradores numa feirinha que também será organizada. A expectativa é que tudo esteja funcionando daqui a dois meses, no verão, quando as mudas já terão brotado e estarão no ponto de colher.

Encarregados de tudo, o grupo de seis jardineiros, assessorados pelos técnicos do Instituto Terra Nova, também se mostram animados. Reginaldo Lopes Cabral, 32 anos, mora na Roquete Pinto e já pensa na colheita de hortaliças que farão em breve. “O que plantamos hoje, colhemos amanhã. Essas alfaces e cenouras certamente vão estar em muitas mesas aqui da comunidade. Também vamos vender mudas e muitas plantas no quiosque do Piscinão”, diz.

Os companheiros Alexandre Felipe de Araújo, de 30 anos, e Flávio Dias dos Santos, 25, se animam com as perspectivas de ver a comunidade com maior espaço verde. “Vai ser uma melhora de 70% a 90%. Mas é preciso conscientizar as pessoas a cuidar e respeitar essas plantas e árvores, como quaisquer outros seres vivos”, fala Alexandre. Flávio concorda. “Flores e plantas transmitem tranquilidade e harmonia. É isso o que queremos para a Maré”, afirma.

Jardins Didáticos da Maré

Os projetos previstos para a área não se esgotam nos viveiros ou na horta. Muito pelo contrário. “Clúsias e espécies de restinga serão consorciadas a várias outras plantas nativas de Mata Atlântica e espalhadas pelo parque. Queremos com isso resgatar a vegetação original da Maré, antes do lugar ser habitado. É o que chamamos de Jardim Didático”, explica Mariana Vilela, outra integrante do Terra Nova. “Com isso, além da recuperação ambiental, estaremos proporcionando aos moradores áreas de lazer didático”, explica Cristiana.

Em outras palavras, se poderá conhecer como era originalmente aquela região e aprender técnicas de manejo de plantas. Os jardineiros foram preparados para receber e orientar os interessados que ali aparecerem.

Bem antes disso, porém, as escolas da Maré estarão envolvidas em outra novidade. Um concurso em que os estudantes participam fazendo os desenhos que deverão ilustrar as explicações sobre as diversas espécies de plantas do parque. Cada vez mais, os moradores serão levados a participar de tudo, a incorporar como seu o espaço. O que leva o administrador do parque ambiental, Nelson Geremias, a concluir: “Estamos plantando o futuro.”

25/11/2003

Vivendo de bico

Rita de Cássia Pinto e Vilma Romero, da Redação

The screenshot shows the homepage of the VIVA Favela website. The top navigation bar includes links: INÍCIO, PONTO DE CULTURA, ACERVO, PARCEIROS, QUEM SOMOS, ENGLISH, FRANÇAIS, and FALE CONOSCO. The main header features the VIVA Favela logo and the website URL. A sidebar on the left lists various sections: REVISTA, AGENDA E SERVIÇOS, GALERIA DE IMAGENS, ESPAÇO ABERTO, and PROMOÇÃO. The main content area displays the article 'Vivendo de bico' by Rita de Cássia Pinto, dated 25/11/2003. The article includes a photo of a man working on a roof and text describing the informal economy in favelas.

VIVendo de bico
por: Rita de Cássia Pinto, do Cantagalo*
25/11/2003

* e Vilma Romero, da Redação

Fotos Walter Mesquita/Viva Favela

Em tempos de dinheiro curto e desemprego em alta, tem gente que sempre arranja trabalho. E ainda esnoba carteira assinada. No asfalto ou aproveitando o rico mercado informal das favelas cariocas, essa turma não tem medo de pegar no pesado. No Complexo do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, por exemplo, em plena Zona Sul carioca, eles pintam carros, consertam de tudo e fazem força sem reclamar. Carregam entulho, caixas de cerveja e tijolos pelos becos, escadas ou ladeiras íngremes das favelas.

Ser biscateiro, porém, não exclui horário de batente, que pode ir das 8h às 19h. O faturamento chega a R\$ 700 por mês. “Tem dias em que tirar cinco minutos de almoço já é muito. Não dá tempo nem de respirar, tenho que engolir a comida”, conta o serralheiro Marco Antônio Gomes Silva, 29 anos, o Marquinho, do Pavão.

Em tempos de dinheiro curto e desemprego em alta, tem gente que sempre arranja trabalho. E ainda esnoba carteira assinada. No asfalto ou aproveitando o rico mercado informal das favelas cariocas, essa turma não tem medo de pegar no pesado. No Complexo do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, por exemplo, em plena Zona Sul carioca, eles pintam carros, consertam de tudo e fazem força sem reclamar. Carregam entulho, caixas de cerveja e tijolos pelos becos, escadas ou ladeiras íngremes das favelas.

Ser biscateiro, porém, não exclui horário de batente, que pode ir das 8h às 19h. O faturamento chega a R\$ 700 por mês. “Tem dias em que tirar cinco minutos de almoço já é

muito. Não dá tempo nem de respirar, tenho que engolir a comida”, conta o serralheiro Marco Antônio Gomes Silva, 29 anos, o Marquinhos, do Pavão.

Para boa parte desses informais, o ponto estratégico para anunciar os serviços ficava bem na entrada do Cantagalo, na rua Teixeira de Melo, em Ipanema. Mas uma blitz da prefeitura tirou todo mundo do lugar, há cerca de um mês. Agora, espalhados pelas ruas adjacentes, eles continuam tentando atrair a freguesia do asfalto.

“Não podemos desperdiçar oportunidades. Se der mole, vem outro e pega na sua frente”, explica Marquinhos. O ponto da Teixeira de Melo era um luxo em termos de faturamento. “Às vezes, conseguia tirar R\$ 70 por dia; algo em torno de R\$ 700 mensais”, confessa Marquinhos.

Sem direitos, com alegria

Trabalho realmente não falta. Aos 65 anos, o pintor de carros e de geladeiras José Modesto da Silva, o Dedejo, não faz a menor questão de voltar a ser assalariado. “Há 10 anos, abri mão disso. Prefiro viver de biscates, mesmo sabendo que perdi meus direitos de trabalhador”, reconhece. Como empregado, argumenta, você ganha muito pouco. “Por conta própria, dá para tirar bem mais”, justifica.

Para pintar um carro, o preço varia de acordo com a marca e, embora leve de dez a quinze dias, ele pode cobrar até R\$ 600. O estado de automóvel influi diretamente nesse valor. “Pesam na balança a mão-de-obra e o material gasto”, explica.

Andando de lá pra cá com seu carrinho de mão, o entulheiro Isídio da Conceição, de 52 anos, também não reclama. Conhecido no Cantagalo como Rodrigo, ele até mantém um bico fixo há dez anos. Recebe um salário mínimo mensal pelos serviços prestados ao prédio Tiziano, em Ipanema. “É um dinheiro garantido”, fala. Mas se não fossem os biscates de todo dia, para ele seria inviável sustentar os 11 filhos.

“Carrego entulho porque dá para tirar uma grana”, afirma. O preço varia de acordo com a altura do lugar, no caso da favela, e com a distância percorrida, no asfalto. Ele chega a se deslocar até para bairros próximos, como Botafogo e Copacabana. “Até o Leblon, cobro de R\$ 100 a R\$ 150. Para Botafogo, o preço é bem maior, claro. O melhor de tudo é que faço meu horário e sou meu próprio patrão”, explica Rodrigo, que usa um carrinho no asfalto (tipoburro-sem- rabo) e, no morro, leva tudo no próprio ombro.

Patrão só vê defeito

Essa independência é um dos maiores atrativos para a maioria. “Não gosto de ser mandado, ainda mais quando sei que fiz o serviço certo. Patrão sempre encontra defeito, não valoriza empregado”, diz Alexandre de Souza, o Xandó. Cria do Cantagalo, aos 29 anos, ele passou a viver de bico há cinco anos, depois de ser demitido de uma firma de limpeza.

“Como não arrumei outro emprego, resolvi carregar entulho. Foi a oportunidade que surgiu”, explica Xandó. O que aparece ele faz. Desde pegar no pesado, carregando caixas de cerveja, material de construção e compras, à mudança e fretes em geral, no morro e no asfalto. “Não escolho serviço, sou pai de família e não posso deixar faltar nada em casa”, admite Xandó.

Mesmo assim ele não quer voltar a ser empregado. “Ninguém consegue viver só de salário mínimo, quanto mais manter uma família. Minha vida agora é outra”, diz Xandó, sem esconder a felicidade.

O boca-a-boca é a chave do negócio. “Quanto mais indicações de fregueses satisfeitos, melhor. É disso que a gente depende. Hoje, não vou dizer que ganho rios de dinheiro, mas pelo menos não falta nada lá em casa. Num dia bom, chego a faturar R\$ 80. Para mim, dá para equiparar, com sobra, ao que tira um assalariado”, compara Xandó.

Escravidão já passou

De uma coisa, todos eles fazem questão: ser bem tratados. “Tem hora que o cliente pensa que somos escravos. Precisa da gente, mas não respeita o nosso trabalho. E ainda acha que vamos ficar mais pobres se não recebermos o que ele quer nos pagar. É aí que ele se engana, ele vai e outro vem”, desabafa Marquinhos. Para ele, a humildade conta mais do que o dinheiro. “Até porque dinheiro acaba, mas a consideração permanece. Só que muitos esquecem disso”, fala.

Marquinhos já chegou a abandonar um serviço no meio, por causa da intransigência de um cliente. Rodrigo passou por situação parecida. “Quando alguém te contrata é para fazer um determinado serviço. Vou conferir e dou meu preço. Só que no decorrer do trabalho, ele começa a exigir mais do que foi combinado. Tem gente que precisa se conscientizar que o tempo da escravidão já passou. Favelado não é burro. Aí eu digo que, se tiver que fazer outra coisa, o preço muda. Senão, ele que contrate outro, porque eu fui!”, reclama.

Além de enfrentar situações assim, às vezes é preciso manter o bom humor para encarar acidentes de percurso. No caso de Rodrigo, ele mesmo reconhece que foi vítima de sua própria negligência profissional. Foi em 1992, logo num de seus primeiros trabalhos.

Como era final de semana e ele não tinha nenhum outro serviço em vista, ele resolveu beber um pouco com os amigos para se distrair. Quando foi chamado para retirar entulho num apartamento na rua Gomes Carneiro, ele se julgou em condições de trabalhar. Foi seu erro. “Como estava doidão, acabei caindo e derrubando o entulho todo pelas escadas. Fui parar lá embaixo”, conta Rodrigo, rindo.

A madame ainda correu para socorrê-lo. “Eu estava tão ruim que nem senti vergonha. Depois dessa, nunca mais bebi antes de trabalhar. Vi a importância de manter uma postura profissional. Afinal, de onde se tira o pão não se brinca. E a sociedade cobra isso de você”, conclui Rodrigo.

Sem licença médica

Já Marquinhos se machucou feio e não pôde contar com a ajuda do cliente porque não havia ninguém em casa. “Tive que me virar sozinho, quando a broca atravessou meu dedo. Só tive tempo de lavar, enrolar o dedo e continuar trabalhando como se nada tivesse acontecido”, analisa Marquinhos.

Há ainda os momentos de inatividade. Se há dias em que mal conseguem se falar, de tanto trabalho que aparece, em outros ficam praticamente estacionados no mesmo lugar e nada acontece. Faz parte da rotina.

Fim de semana com a família é coisa rara. Motivo para que eles aproveitem o que for possível nos dias de trabalho. “A gente tem que se divertir nos intervalos entre um serviço e outro. Porque esperar pelo final de semana, não dá. Quem vive de biscates não tem sábado nem domingo”, diz Rodrigo.

Nem por isso os preços sobem. “Quando a fase está boa a gente fica é contente. Graças a Deus tenho boa freguesia, chego a faturar até R\$ 200 por dia, num período bom. Quando as coisas não estão tão boas, o negócio é não desanimar”, acredita Rodrigo.

Apesar dessa incerteza, Marquinhos tem prazer em ir todo dia para o ponto. “A gente nunca sabe se o dia vai ser bom ou ruim. Mas temos certeza de que a encarnação vai ser a mesma. É assim que a gente dribla os problemas, para ninguém volta de mau humor para casa”, afirma.

“Nos preocupamos com a família um do outro. Se aparece um serviço para um e para o outro não, a gente chama o companheiro para rachar o serviço e a grana. Se depender da nossa união, ninguém volta para casa sem seu arroz e feijão”, diz Xandó. Nesse embalo, vão acabar criando o sindicato dos biscateiros.

Viva Favela 2.0

11/10/2012

O pecado não está no funk, mas nos excessos

Zé Mendonça, Zona Leste/SP



Importante reportagem feita por Moriti Neto e Vinicius Souza, com a colaboração de Gabriela Allegrini e Maria Eugênia Sá para um blog paulistano permitiu se observar a partir de outros olhos o fenômeno do funk e os bailes nas periferias de São Paulo que em geral são encerrados pela polícia. Não basta mais olhar apenas para o desconforto de quem não é adepto e apreciador do funk e seus derivados.

A reportagem deu conta de mostrar que em certos pontos da periferia da zona sul de São Paulo e outras periferias outro lance vem acontecendo. Nesses locais, em geral entre quinta e sábado reúnem-se, depois das 21 horas, dezenas de garotas entre 15 e 23 anos, um pouco mais, um pouco menos, devidamente preparadas e turbinadas para serem levadas em ônibus fretados para baladas funk na parte rica e mais central da cidade.

A entrada nessas casas é grátis. Só não inclui o consumo de bebidas e para que as preparadas não cheguem caretas ao espetáculo os organizadores se encarregam do aquecimento das moças dentro dos ônibus. Só ou em duplas os rapazes que promovem a excursão transitam pelos corredores dos ônibus alugados servindo vodka em copos plásticos. Não deixam os copos esvaziarem e a partida é sempre por volta da meia noite.

A reportagem vai explicando que animadas com os drinks, as meninas vão se entusiasmando dentro dos seus modelitos periguetes que atualmente predomina. Vestidos justos e curtos, sandálias de grandes saltos e fortes maquiagens.

Na chegada a uma determinada boate da Vila Olímpia, quase uma hora depois de saírem das periferias em ônibus, elas causam alvoroço no trânsito nas proximidades das casas noturnas onde a frequência é de um público mais maduro. Nem sempre percebem a finalidade dessa etapa: de ficarem expostas durante pelo menos mais de meia hora na rua aos olhares masculinos. Aos poucos são liberadas para os camarotes onde se encontram com outras meninas de outros pontos da cidade.

No dia da reportagem eram cerca de 80 as que entraram de graça para animar a área VIP. No ambiente pouco iluminado, com sofás e mesas de sinuca, a proporção é de três mulheres para cada homem. Eles pagam R\$ 60 de entrada ou R\$ 120 com consumação e mais a bebida das moças.

Noite adentro se ouve o funk fazendo rolar solta a sensualidade. Por volta das 2h da manhã, algumas meninas estão seminuas nos cantos mais escuros da área VIP, circulando entre cigarros de maconha e comprimidos de ecstasy que também chegam às mãos de quem assim o desejar. Só por volta das 5h30 da manhã, o público começa a dispersar.

É nessa hora que as meninas despertam para o toque de recolher. Pegam o ônibus de volta ao ponto de partida e depois, dependendo do caso, arrumam outra condução que as leve para os distantes bairros e comunidades onde moram, porque não foram lá que os ônibus foram buscá-las. Os agenciadores, na noite anterior, sempre marcam um lugar menos periférico.

Contraditoriamente as moças que voltam para os seus bairros, onde, antes, elas foram proibidas de dançar o funk por conta da repressão policial motivada pelo barulho que incomoda e a presença de drogas e álcool acessível para menores de idade além do saldo de violência que costumava ocorrer nessas festas.

O que a reportagem conseguiu evidenciar vai além da contradição de que abordaremos em seguida. A de que o funk é permitido em ambientes controlados no centro

e proibido nos ambientes sem controle da periferia. Segundo o parecer de um advogado consultado, nessas circunstâncias alguns crimes são cometidos. “Além do óbvio, ou seja, oferecer bebidas alcoólicas para menores fazem promoção da prostituição, mesmo que sem a percepção das meninas. Também existe incitação ao crime, o incentivo à prática da própria prostituição. É dever do Estado assegurar que isso não ocorra”, esclarece.

Na periferia, funk e droga podem dar cadeia

Desde 2011, em função das insistentes queixas dos munícipes a Polícia Militar montou a Operação Pancadão, batizada em referência à batida do funk e acabou com a sequência de bailes que se pretendia fazer em Campo Limpo, Heliópolis, M’Boi Mirim, Jardim Ângela e em dezenas de outras regiões periféricas na zona leste e no ABC Paulista.

Originalmente os bailes funks eram feitos em locais fechados, mas nunca apropriados o suficiente. Sem espaços foram para as ruas e diante da repressão passaram a ser realizados de surpresa e combinados de última hora sem local fixo, mesmo nos bairros onde a operação ainda não havia chegado. As informações sobre a mão pesada da ação policial que entrava em alguns locais jogando bombas de efeito moral, com tiros de borracha e spray de pimenta correram de boca em boca ou através das comunidades entre os jovens da periferia.

Em muitas dessas ocorrências se flagrou comerciantes das comunidades sendo autuados por venda de bebidas alcoólicas a menores. Nas batidas há casos de aparelhos de som dos carros sendo apreendidos. Tem faltado lugar para esse tipo específico de lazer, mas nem por isso a saída é perturbar o descanso alheio e essa é a encrenca a ser resolvida.

De uns bons tempos para cá sons de carros de alta potência transformaram carros em trios elétricos. Preparados para reproduzir música em volume ensurdecedor tornaram-se mesmo uma saída econômica para os jovens que gostam dos funks de rua. “A meninada se junta pra comprar um som de carro, pra ficar na comunidade e impressionar. Se tiram isso deles, vão pros bairros chiques, descobrem aquele mundo, se sentem o máximo. Têm história pra contar no dia seguinte. Quando a gente sente na pele a diferença de tratamento que a policia dá de um lado e de outro, quer ficar no bairro rico”, comenta na reportagem o promotor de eventos Luciano Roberto Pereira.

Enquanto isso e quando o funk é nos jardins

Tirando proveito da migração feminina construída artificialmente da periferia para os jardins, conforme explicado na primeira parte deste artigo, dezenas de casas promovem bailes para atrair jovens das comunidades. As meninas chegam aos locais em fretados e por causa da dificuldade de condução a partir de certas horas, as baladas começam às 23h para permitir que os mais esforçados cheguem de condução, mas a coisa toda mesmo acontece após as 2 horas da manhã.

A reportagem quando visitou outras casas encontrou de tudo um pouco daquilo que é proibido na periferia, mas que no local parecia território liberado. Sem apreensão nem preocupações maiores os frequentadores consomem álcool, sentem cheiro ou usam de maconha a todo instante, comprimidos de ecstasy e frascos de lança-perfume rodam de mão em mão. Aqui a outra contradição: os mesmos jovens proibidos de dançar funk na periferia em bailes de rua com as autoridades qualificando com alguma razão como encontro com apologia ao uso de drogas podem usá-las livremente no bairro nobre.

Nas ruas do centro então, o funk chega, cresce, incomoda e ainda não é reprimido

Nem mesmo a já sabida estória de que os bailes de rua incomodam os vizinhos sensibiliza, por exemplo, alguns lugares no centro. Na Liberdade, por exemplo, nas proximidades de uma grande faculdade particular, acontecem bailes quase todos os dias com um público de classe média. Em geral estudantes da instituição. “Os carros param nos bares, abrem os porta-malas com volume alto e por lá bebidas, drogas e menores se confundem”, registra de forma anônima um dos seguranças da instituição.

Sem viaturas de polícia circulando com maior frequência, quando passam costumam recomendar baixar o volume, mas de novo é aumentado logo que a viatura desaparece. A situação nesta e em outras faculdades, na Barra Funda, na Mooca e na Consolação torna-se incontrolável às sextas-feiras.

Como os jovens das periferias, também buscam diversão. O sexo rola dentro de carros com vidros escuros, mas a caso de drogas consumidas nas ruas. Além de não sofrerem nenhuma sanção policial, as festas em algumas ocasiões, conta até com o apoio informal da Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo (CET) que fecha os acessos dos carros às ruas para garantir a segurança. (JMN)

28/10/2012

As damas de Irajá

Marcos Nascimento, Irajá/RJ



Sueli

Porte altivo, elegante de gestos e no vestir apesar da simplicidade das roupas, sinais evidentes de que foi uma mulher sedutora, já que guarda traços de uma beleza que o tempo ainda não conseguiu apagar. Diz que a água está no fogo e que logo o café estará pronto, respondo que tenho pressa, porém o aroma tentador espalha-se pelo apartamento e a toalha de mesa, o belo jogo de xicaras, bule e açucareiro são motivos suficientemente convincentes para perceber que meu compromisso não é tão inadiável assim quanto parecia. Traz biscoitos, o café é servido, oferece bolinhos de chuva, hum... o que seria da vida sem o café?

Mora com a filha em um apartamento no 4º andar de um prédio de um dos vários conjuntos habitacionais de Irajá, o imóvel é limpo, bem arrumado, porém barulhento pela proximidade com a Avenida Brasil (já não suporto ouvir esta referência, ainda bem que acabou... a novela), cujo trânsito sempre intenso faz com que nossa conversa seja mantida acima dos limites normais de voz.. Conheci-a em um destes encontros casuais comuns na vida de qualquer pessoa e pela primeira vez estou em sua casa, ajudando- lhe a carregar suas compras do sacolão. Sempre estamos nos encontrando na rua, padaria ou feira e há algum tempo percebo falhas em sua memória, quando embaralha fatos, nomes ou datas.

Tem as lembranças confusas, o passado acinzentado e quando olha pela janela, seu olhar é vago, distante, parecendo buscar no horizonte as páginas de sua história que estão desprendendo-se rapidamente, levadas pela brisa quente de uma tarde carioca de verão. Oferece-me mais um café, prontamente aceito e apesar da dificuldade em manter um diálogo coerente, conta-me algumas passagens de sua vida um tanto fragmentadas, mas interesse-me mais quando fala do tempo em que era cortejada nos bailes ao som da Orquestra Tabajara e deslizava pelos salões conduzida por algum cavalheiro elegante e gentil, "desses que não existem mais", segundo ela.

Esperava ansiosa os fins de semana, depois de trabalhar duro como manicure em um salão de beleza da zona sul, onde durante muitos anos "fez mãos e pés de muita gente da alta", escolhia o vestido, os sapatos de salto alto, a bolsa, o lenço e subia as escadas dos salões das gafieiras cariocas, podia ser Elite, Estudantina ou o clube Vera Cruz no subúrbio da Abolição, tradicionais redutos dos "pés de valsa" da cidade maravilhosa boêmia dos anos 40. Aos primeiros acordes das palhetas e metais, o mundo transformava-se, eram apenas braços entrelaçados, pés enamorados e cabeças unidas pelas melodias de um samba do Ataulfo ou um bolero de Gardel, trilha sonora de um sonho, interrompido apenas quando os primeiros raios de sol eram o sinal luminoso do astro-rei para os últimos acordes, a última dança, o último sorriso e às vezes, o primeiro beijo.

- Tem saudades?

Não responde. Fecha os olhos e sorri. Neste momento com certeza, a orquestra tocou novamente e os pares rodopiaram no imenso salão, enquanto cavalheiros sempre tão solícitos aproximam-se com reverência e delicadamente a conduzem para mais uma dança. Abre os olhos, enxuga uma lágrima teimosa que insiste em rolar pelo seu rosto e ofereça-lhe um lenço, permanecemos calados e penso nas gavetas de minha memória cheias de lembranças, temendo um dia não poder abri-las.

Nelas estão meus amores, minhas saudades, o beijo que não foi dado, a noite de amor que não aconteceu, meus amigos, meus sambas, minhas tristezas e minhas alegrias.

Despeço-me de Sueli, desço as escadas, olho para sua janela e a vejo acenando. Quantas histórias por contar? Se pudesse ajudá-la a ordenar suas lembranças, resgatar sua história, impedir que os capítulos de uma vida sejam cobertos pela poeira do esquecimento.

O trânsito infernal da Avenida Brasil traz-me de volta ao cotidiano, com buzinas, fumaça, carros, ônibus, calor, ambulantes anunciando água, água, olha a água e o meu celular tocando insistentemente. Atendo e alguém diz:

- Não esqueça o pão e o jornal.

08/11/2012

Mais 100 nomes na lista de mortos

Dinha, Parque Bistrol/SP

The screenshot shows the Viva Favela website interface. At the top left is the 'VIVA FAVELA' logo. To its right is a yellow banner with the text 'TUDO JUNTO E MISTURADO'. Below the banner is a grey bar with 'ESPECIAL: MARÉ EM ALTÀ'. The main navigation bar includes links for 'MATÉRIAS', 'VÍDEOS', 'IMAGENS', 'ÁUDIOS', and 'TUDOJUNTO'. On the left sidebar, there is a login section with fields for 'Usuário' and 'Senha', a 'CADASTRE-SE AGORA' link, and a 'Logar com Facebook' button. Below this are sections for 'COMO FUNCIONA' and 'CORRESPONDENTES'. The main content area features the article title 'Mais 100 nomes na lista de mortos' with a '4 Votos' badge. The article is attributed to 'por Dinha - 08/11/2012' and 'Parque Bistrol | SP'. The article text begins with 'A propósito das mortes de civis e PMs' and mentions 'O Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo'. The right sidebar contains a 'REDAÇÃO VIRTUAL' section, an 'ASSINE A REVISTA' section with an email input field, and a 'BLOG EDITORIAL' section with the title 'Juventude Negra é ter ação do Viva Favela'.

A propósito das mortes de civis e PMs

O Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, por ocasião do anúncio da integração de forças entre Estado e União para combate ao crime “organizado”, afirmou ontem, categoricamente, que as mortes de Policiais Militares ocorridas neste último ano serão todas investigadas e punidas.

Aproveito a deixa para lembrar ao Senhor Ministro de que não foram apenas os policiais que tiveram suas vidas ceifadas. Dezenas de civis também têm sido vítimas de assassinatos e, em muitos casos, as suspeitas têm recaído exatamente sobre PM's, ou sobre os chamados “grupos de extermínio”. Aproveito também para perguntar se posso enviar ao Senhor Ministro uma lista pessoal de mais de 100 pessoas cujas mortes, todas violentas, nunca foram solucionadas. Essa lista foi recolhida ao longo de 36 anos e todas essas pessoas eram conhecidas, amigos, vizinhos ou parentes do meu esposo. Se adicionarmos os “meus” mortos, essa lista certamente aumentará.

Um momento: eu não sou louca. Não tenho intenção nenhuma de que essas mortes sejam realmente investigadas. Mas seria fenomenal, algo digno de muito respeito, se o Estado e seus representantes mostrassem por nós o mesmo interesse que demonstram em defender seus cargos políticos, sua imagem pública e não nos abandonassem à própria sorte. Seria interessante ter um Estado cuidador.

Enfim, gostaria de lembrar às autoridades que a coisa mais importante dessa história de horror que revivemos hoje são as vidas humanas (dos policiais e também dos civis), a dor das famílias e o desajuste social causado por essas mortes.

Dá pra voltar a fita?

Notícia de Israel (trecho)

Me mandem matar a polícia!

Eu vou, se isso trazer

Israel,

Sandro,

Aristides,

Luciano,

Márcio,

Cometa,

Buiú

(toda a família de Elisângela)

Edmarcos e

Hilário

(toda os mortos dos CEDECAS)

de volta.

Me mandem matar os bandidos!

Eu vou, se me deixarem

Matar todos os homens-blindados-que-cagam-ouro-na-minha-fome-e-na-fome-da-minha-família.

Eu mataria capitães do mato

Se eles não fossem de fato

Tão vítimas como são vítimas:

Os policiais fardados,
 Os meninos sem camisa,
 A mulher de volta pra casa,
 Israel, no colo da mãe.
 O fuzil de minha palavra
 Precisa estar voltado
 Pra verdadeira revolução.

13/11/2012

Teatro Mário Lago recebe equipe de reportagem do Jornal Extra

Guilherme Júnior, Vila Kennedy/RJ

The screenshot shows the Viva Favela website interface. At the top, there's a yellow banner with the text "TUDO JUNTO E MISTURADO". Below it, a grey banner reads "ESPECIAL: MARÉ EM ALTA". The main navigation bar includes links for "MATÉRIAS", "VÍDEOS", "IMAGENS", "ÁUDIOS", and "TUDOJUNTO". On the left sidebar, there's a login section with fields for "Usuário" and "Senha", a "ENTRAR" button, and a "Logar com Facebook" button. Below that, there's a "COMO FUNCIONA" section and a "CORRESPONDENTES" section with a list of names. The main content area features a large headline: "Teatro Mário Lago recebe equipe de reportagem do Jornal Extra" by "Guilherme Júnior - 13/11/2012". The article text begins with: "Nesta terça-feira (13/11) a equipe de reportagem do Jornal Extra esteve mais uma vez no Teatro Mário Lago. A primeira vez foi em março para fazer uma matéria sobre o festival de cinema Curta Vila Kennedy. Hoje, eles estiveram no teatro cobrindo o andamento do fechamento de um dos únicos espaços de cultura na zona oeste do Rio de Janeiro. Estiveram presentes algumas lideranças da VK, entre os quais atores, artistas plásticos, comerciantes e produtores culturais. A mobilização pelas redes sociais foi". On the right sidebar, there's a "REDAÇÃO VIRTUAL" section with a "BUSCA" field, an "ASSINE A REVISTA" section with an "email" field, and a "BLOG EDITORIAL" section with the title "Juventude Negra é tema da ação do Viva Favela" by "Por Yí Jing | 22 de janeiro".

Nesta terça-feira (13/11) a equipe de reportagem do Jornal Extra esteve mais uma vez no Teatro Mário Lago. A primeira vez foi em março para fazer uma matéria sobre o festival de cinema Curta Vila Kennedy. Hoje, eles estiveram no teatro cobrindo o andamento do fechamento de um dos únicos espaços de cultura na zona oeste do Rio de Janeiro. Estiveram presentes algumas lideranças da VK, entre os quais atores, artistas plásticos, comerciantes e produtores culturais. A mobilização pelas redes sociais foi tamanha que a própria FUNARJ (Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro) permanecerá custeando os gastos do espaço até meados de janeiro de 2013 quando haverá uma reunião com funcionários da prefeitura com o intuito de municipalizar o teatro.

Municipalizar o Mário Lago é visto com bons olhos pela comunidade por conta da proximidade que líderes do bairro têm com os órgãos ligados à cultura, esporte e lazer da prefeitura.

Os mais de 200 alunos das oficinas do teatro e os artistas locais estão torcendo para que tudo corra bem e que o que tiver que acontecer, que aconteça para melhorar o espaço e levar cultura para uma comunidade que já sofre bastante com o descaso do poder público e com a violência.

A matéria está prevista para ser publicada em duas semanas e, quiçá, no caderno principal, nos próximos domingos.